



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
ORIENTADOR: NOELMA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS

EDILAINE RAMOS NUNES

"NÓS" TAMBÉM USAMOS "A GENTE": UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NÓS/ A
GENTE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS ORAIS E ESCRITOS

MONTEIRO – PB
2012

EDILAINE RAMOS NUNES

"NÓS" TAMBÉM USAMOS "A GENTE": UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO NÓS/ A
GENTE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS ORAIS E ESCRITOS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-Campus VI), como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

MONTEIRO – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL – CAMPUS VI

N972n

NUNES, Edilaine Ramos.

“Nós” também usamos “a gente”: um estudo sobre a variação nós/a gente em textos jornalísticos.../Edilaine Ramos Nunes. – 2012.

79f. il. Color.

TAO (Graduação em Letras com hab. em Língua Portuguesa) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI.

“Orientação: Profª Ma. Noelma Cristina dos Santos , UEPB, Campus VI.

1 Variação Linguística. 2. Gramaticalização. 3. Funcionalismo. 4. Modalidade Oral e Escrita I. Título.

21. ed. CDD 469.5

EDILAINE RAMOS NUNES

**"NÓS TAMBÉM USAMOS A GENTE": UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO
NÓS/ A GENTE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS ORAIS E ESCRITOS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-Campus VI), como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, sob orientação da Profª. Msª Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

Apresentada em 03 de julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Noelma Cristina Ferreira dos Santos

Profª. Msª. Noelma Cristina Ferreira dos Santos.
Orientadora – UEPB

Edjane Gomes de Assis

Profª. Drª. Edjane Gomes de Assis
Examinadora – UEPB

Danielly Inô Espindula

Profª. Msª. Danielly Inô Espindula
Examinadora – UEPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela a minha vida e existência nesse mundo, por ter me permitido ter chegando até aqui e realizar meu sonho de ingressar numa universidade, e assim poder conclui-la.

Agradeço a todos os meus professores que contribuíram de forma direta e indireta na apreensão do conhecimento que tenho hoje, alguns apesar de pouco tempo deixaram suas marcas.

À turma pelos momentos de grande descontração que me proporcionaram todos esses anos.

Em especial a minha querida professora e orientadora Noelma Santos, pela a paciência e dedicação com que repassou todos os seus conhecimentos a mim e a todos os meus colegas durante esses quatro anos e meio. Obrigado pela paciência que teve em especial comigo durante todas as orientações, tudo que aprendi com você vou levar pra sempre.

Aos meus irmãos, minhas primas por toda a força e amizade, em especial a minha irmã Elisângela Ramos Nunes por ter me acolhido em sua casa durante esses quatro anos e meio, e ao meu irmão Edilson Ramos Nunes pelas ajudas financeiras e pela a força.

A todas as minhas amigas pela amizade e dedicação para comigo, em especial a Kelly Cristina por todos esses anos que passamos juntas, uma compartilhando a dificuldade da outra: à Natassia Thaís e Camila Freitas, pessoas de que me aproximei esses últimos anos, e por quem passei a ter um carinho enorme.

À Adlér Ferreira, esposo de Kelly Cristina, pelas inúmeras vezes que veio me trazer em casa após exaustivos seminários, meu muito obrigado.

Agradeço à Prof^ª Ms^a Danielly Inô por ter aceitado meu convite para participar da minha banca, e pelas suas aulas na nossa turma, que foram de grande importância, e por ter nos marcado com a sua inesquecível frase “nunca é só isso”.

À Edjane Assis por também fazer parte da minha banca e pela sua contribuição durante o pouco tempo que conviveu com a gente, nunca vou esquecer o conhecimento de mundo, e a intertextualidade que você nos fez conhecer.

Dedico a meus pais Isabel Ramos Nunes e Tomás de Aquino Nunes, que apesar de todas as dificuldades sempre estiveram ao meu lado, nunca me deixaram desanimar durante essa caminhada, e por ter mim educado e mim tornado a pessoa que sou hoje.

RESUMO

A presente pesquisa analisa o fenômeno da variação linguística envolvendo os pronomes *nós* e *a gente*, à luz das teorias gramaticais, linguísticas e do fenômeno da gramaticalização e de estudos sobre o funcionalismo. Vimos que a maioria das gramáticas normativas não trazem estudos acerca da variação, no mínimo trazem um trecho destacando que o *a gente* é representante da língua coloquial. O corpus analisado é composto de trechos retirados de artigos de opinião, carta do leitor, entrevista e propaganda, retirados de revistas e jornais de circulação nacional e local, nos quais analisamos a ocorrência da variação na modalidade escrita. Analisamos também três edições de um jornal televisionado nacional e de um jornal local, a fim de observarmos o uso do *nós* e do *a gente* na modalidade oral. Nos trechos coletados, constatamos que nos gêneros escritos, 133 ocorrências foram do *nós* contra 4 do *a gente*. Enquanto nos gêneros orais houve 25 ocorrências do *nós* e 19 do *a gente*. Isso nos mostra, que na modalidade escrita o falante tende a usar mais a forma padrão, já na modalidade oral essa mistura entre as pessoas é muito comum, mesmo em jornais. Apesar dos números e da maior frequência do pronome *nós* nos textos escritos, os resultados mostram tratar-se de um caso de variação que, até mesmo, pode ser considerada uma mudança em curso.

Palavras-chave: Variação Linguística. Gramaticalização. Funcionalismo. Modalidade escrita e oral.

ABSTRACT

The present research analyzes the phenomenon of linguistic variation involving the pronouns “*nós*” and “*a gente*”, according to the grammatical and linguistic theories, the phenomenon of grammaticalization and studies about functionalism. We saw that most of the normative grammars do not bring studies about the variation, at least they bring an excerpt emphasizing that “*a gente*” is a representative of the colloquial language. The corpus analyzed is composed by excerpts taken from opinion articles, letters from readers, interview and propaganda, taken from magazines and newspapers of national and local circulation, in which we analyzed the occurrence of variation in the written modality. We also performed the analysis of three editions of a national broadcasted journal and of a local one, in order to observe the use of “*nós*” and “*a gente*” in the oral modality. In the collected excerpts, we noticed that in the written genres, there were 133 occurrences of “*nós*” against 4 of “*a gente*”, whereas in the oral genres there were 25 occurrences of “*nós*” and 19 of “*a gente*”. This shows us that in the written modality, the speaker tends to use more the standard form, although in the oral modality this mixture among people is very common, even in newspapers. In spite of the numbers and the higher frequency of the pronoun “*nós*” in the written texts, the results show that this is a case of variation, which may even be considered a change in course.

KEY WORDS: Linguistic Variation. Grammaticalization. Functionalism. Written and Oral Modality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os principais pronomes.....	15
Quadro 2: Quadro dos pronomes pessoais no PB	21
Quadro 3: Transformação dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais no PB informal	23
Quadro 4: Artigo de opinião	36
Quadro 5: Carta do leitor	37
Quadro 6: Entrevista	38
Quadro 7: Propaganda	39
Quadro 8: Ocorrências do <i>nós</i> e do <i>a gente</i> quanto à posição no SN	40
Quadro 9: Ocorrências do <i>nós</i> e do <i>a gente</i>	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	15
1. O NÓS E O A GENTE NO CONTEXTO DOS ESTUDOS SOBRE PRONOMES ..	15
1.1 Pronomes pessoais e possessivos na perspectiva tradicional.....	16
1.2 Pronomes pessoais e possessivos na perspectiva linguística	18
CAPÍTULO 2	28
2. NÓS E A GENTE NO CONTEXTO DO FUNCIONALISMO E DA GRAMATICALIZAÇÃO	28
CAPÍTULO 3	36
3. O NÓS E O A GENTE NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS	36
3.1 Números de ocorrências das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> nos gêneros jornalísticos.....	36
3.2 Posição das formas <i>nós</i> e <i>a gente</i> dentro do sintagma nominal (SN).....	39
3.3 Número de ocorrências do <i>nós</i> e do <i>a gente</i> em gêneros orais	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	53
Anexo A - Artigo de opinião.....	54
Anexo B - Carta do Leitor.....	63
Anexo C – Entrevista.....	68
Anexo D – Propaganda.....	76

INTRODUÇÃO

O pronome é uma classe responsável por desempenhar na oração funções semelhantes às exercidas pelos elementos nominais, pois pode substituir o substantivo ou acompanhá-lo, determinando o seu significado, daí decorre o interesse de analisar mais de perto a funcionalidade dessa classe. É evidente que durante muito tempo houve uma preocupação maior com os aspectos formais, mas essa é uma realidade que já vem sendo modificada há alguns anos, pois novas teorias que abordam, entre outras coisas, as funções semânticas e discursivas dos pronomes, vêm ganhando espaço no estudo dessa classe de palavras.

Um dos aspectos considerados nesse contexto é a variação linguística, assunto que vem sendo discutido há algum tempo e que vem ultrapassando os muros das universidades, ganhando espaço nas discussões acerca do que é certo ou errado no uso da língua. É interessante adotar, nos estudos da linguagem, um posicionamento crítico, mas não preconceituoso, já que as formas diferentes de se usar a linguagem surgem naturalmente pela própria flexibilidade que esse instrumento apresenta para os falantes. Reconhecemos, dessa forma, que a variação linguística é um dos aspectos que deve estar presente no estudo da língua, pois pode contribuir diretamente no estudo da gramática.

Como nossa pesquisa se enquadra na temática sobre a variação linguística, escolhemos como objeto de estudo o uso das formas *nós* e *a gente*, pois, como sabemos, estas formas tem sido mais perceptíveis pelos falantes em contextos mais formais. Nossa pesquisa se propôs a analisar se esses usos também ocorrem com a mesma frequência na escrita, já que o *a gente* ainda é visto como informal em comparação com a língua padrão. Nesse sentido, levantamos os seguintes problemas para esta pesquisa: Em que situação ocorre a substituição do *nós* pelo *a gente*? Como aparecem posicionadas essas formas dentro do SN? Quais são as diferenças discursivas no uso do *nós* e do *a gente*? Em que medida a ocorrência do *nós* e do *a gente* tem relação com o gênero no qual ele é veiculado?

Dessa maneira, analisamos nessa pesquisa textos da esfera jornalística para percebermos a relação entre essa variação e o gênero no qual eles estão inseridos, se são mais comuns em textos que desejem uma aproximação maior com o público, como é o caso da propaganda, que não exige uma linguagem muito formal, diferentemente de outros gêneros formais. Além disso, verificamos como está localizada a posição do *nós* e do *a gente* dentro do SN, pois acredita-se que essa ocorrência é mais comum na posição de sujeito ou de

especificador. Além disso, analisamos as diferenças discursivas desses termos, se o *a gente* aparece mais no lugar do *nós* em discursos que se aproximem mais da oralidade,

Omena (1978 apud CASTILHO 2010) estudou o fenômeno, mostrando que *nós* e *a gente* ocorrem com frequência maior na posição de sujeito, mas a substituição por *nós* é mais acentuada na função de adjunto adverbial. Na língua padrão, *a gente* leva o verbo para a P3. Na língua não padrão, *nós* e *a gente* levam o verbo para a P4, como (55b), ou para a P3, como em (55c).

(55b) **Nós** rimos muito ontem à noite, e aí **a gente** começamos a se entender. (55c)
Nós tem uma sinuquinha lá que **nós** fizemos, **a gente** não se fala legal.
 (CASTILHO, 2010, p. 478)

Dessa maneira, buscamos verificar se realmente esses elementos são encontrados em textos escritos considerados formais, ou se há uma preferência maior em utilizar o *nós*, na modalidade oral.

O objetivo geral dessa pesquisa é: analisar as ocorrências do uso *nós* e do *a gente* em textos jornalísticos escritos e orais, a partir de uma perspectiva funcionalista. E os objetivos específicos são: quantificar as ocorrências do *nós* e do *a gente* em diferentes gêneros textuais jornalísticos; Identificar a posição em que essas formas aparecem dentro do SN; Investigar a relação do uso do *nós* e do *a gente* com os reflexivos “nos” e “se” e com os pronomes possessivos “nosso” e “da gente”; Analisar as diferenças discursivas no uso do *nós* e do *a gente*, nos textos selecionados; Analisar a ocorrência do “nós” e do “a gente” com o gênero textual no qual ele está inserido.

Com a realização desse estudo, pretendemos contribuir para desmistificar a ideia de que termos que são usados na oralidade devem ser desconsiderados na escrita. Como no caso do *a gente* que por ser muito utilizado na fala é na maioria das vezes estigmatizado na língua tida como padrão. A nossa pesquisa focaliza a variação das formas *nós* e *a gente* em textos jornalísticos, como artigo de opinião, carta do leitor, propaganda e entrevista, retirados das fontes Isto é, Veja, Época, Jornal do Comércio e Folha de São Paulo, coletamos apenas textos que traziam a ocorrência das formas *nós* e *a gente*, pois acreditamos que essas formas são encontradas tanto na oralidade como na escrita.

É de fundamental importância sabermos se os textos jornalísticos estão aderindo a essa variação, devido à grande circulação que os mesmos têm e por aproximar vários

públicos, daí a necessidade de adequar os textos à realidade dos diversos leitores. Assim, gêneros como a propaganda tendem a utilizar uma linguagem menos formal com o intuito de manter uma relação de proximidade com o público.

Nesse sentido, acredita-se que o *nós* está deixando de ser usado dando o lugar ao *a gente*. Nossa pesquisa buscou comprovar através da análise de gêneros da esfera jornalística, como propaganda, artigo de opinião, carta do leitor e a entrevista, se realmente isso está acontecendo, como no caso da oralidade, que se tem uma preferência maior em usar essa forma *a gente*.

Outros estudos mostram a variação do *nós* e do *a gente*, como o de Omena 1986 (apud OMENA, 2008), que analisou a variação do pronome de primeira pessoa do plural, utilizando como objeto de estudo a permanência diacrônica do traço [+indeterminado] na variante *a gente*, esse estudo mostrou que a forma *a gente* é mais usado quando se refere a um grupo pequeno de pessoas, enquanto o *nós* faz referência ao coletivo a um grupo grande de pessoas.

Já o nosso estudo se propõe analisar o *nós* e o *a gente* em textos jornalísticos, por terem ganhando um espaço maior nos últimos anos, tanto em livros didáticos quanto em propostas de ensino desenvolvidas em sala de aula, o que demonstra a importância central que assumiram nas aulas de língua portuguesa; além disso, por serem considerados como referência atual do que seria um texto escrito em português padrão adequados para trabalhar em sala de aula, e por apresentarem uma linguagem padrão que os professores podem utilizar como exemplo de língua formal.

Como sabemos, as duas formas já ocorrem na oralidade, então verificaremos se o *nós* e o *a gente* também ocorrem com a mesma frequência na escrita, pois é uma modalidade prestigiada que pode ou não utilizar a variação.

Nossa pesquisa, quanto à abordagem, classifica-se como quantitativa e qualitativa, pois quantificamos a ocorrência do *nós* e do *a gente* em textos jornalísticos diversos, e utilizamos a pesquisa qualitativa para interpretar a função – semântico - discursiva desses elementos. Quanto aos meios, utilizamos a pesquisa bibliográfica, na medida em que vamos analisar os materiais de acesso ao público, como jornais e revistas de circulação nacional e local. De acordo com Gil (2009) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (p.30).

Quanto aos fins, realizaremos a pesquisa descritiva e interpretativista, pois vamos descrever as ocorrências do *nós* e do *a gente* em textos jornalísticos de gêneros diversos. A respeito da pesquisa descritiva, Gil (2009) afirma: “Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis.” (p.27), e ao mesmo tempo iremos interpretar essas formas por meio da pesquisa interpretativista.

Nossa coleta de dados foi feita nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril do corrente ano. Analisamos três edições de revistas de circulação nacional, (Veja, Isto é, Época) sendo uma edição de cada revista, uma edição do jornal local escrito (Jornal do Comércio) e outra de um jornal de circulação nacional, (Folha de São Paulo). Nesses suportes, analisamos os seguintes gêneros: entrevista, artigo de opinião, carta do leitor e propaganda, observamos nestes gêneros como estão sendo utilizadas as formas *nós* e *a gente*, e vimos que a maioria das ocorrências encontradas nos gêneros já mencionados é da forma *nós*. Além disso, analisamos também três edições de jornal televisionado nacional (JORNAL HOJE) e três de um jornal local (NE TV).

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo está dividido em dois subtópicos, no primeiro apresentamos as abordagens da gramática tradicional, no segundo analisamos a perspectiva linguística a respeito da classe de palavras pronomes. No segundo capítulo apresentamos alguns pressupostos teóricos sobre o funcionalismo enfocando o fenômeno da gramaticalização.

No terceiro capítulo, é apresentada a análise dos dados coletados. Na modalidade escrita, analisamos gêneros como o artigo de opinião, a carta do leitor, a propaganda e a entrevista, para isso coletamos textos das revistas Época, Veja e Isto é, e dos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Comércio. Já na modalidade oral coletamos vídeos do Jornal Hoje e do NE TV, nos quais analisamos apenas as reportagens e entrevistas que traziam o uso das formas *nós* e *a gente*. A partir da análise desses suportes confirmamos nossa hipótese de que na escrita a uma tendência a não utilizar a forma *a gente*, enquanto na oralidade o falante se utiliza do *nós* e do *a gente* nos mais diversos contextos de comunicação.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para as investigações a respeito da variação linguística nas modalidades escritas e orais, bem como nos usos das formas *nós* e *a gente* nos mais diversos contextos sociais. Como vimos, apesar de o *a gente* ser bastante

utilizando na oralidade por falantes cultos e não cultos ainda há uma grande resistência em utilizar essa forma na escrita.

CAPÍTULO 1

O NÓSE O A GENTE NO CONTEXTO DOS ESTUDOS SOBRE PRONOMES

A categoria pronomes é considerada pela maioria das gramáticas como aquela que representa as pessoas do discurso, mas sabemos que sua função vai muito além disso, como veremos no decorrer desse trabalho. Para compor o nosso referencial teórico, utilizamos as gramáticas de Cunha e Cintra (2008), Azeredo (2010), Castilho (2010) e Neves (2000), os quais trazem algumas perspectivas novas e outras já conhecidas que norteiam o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Seguindo uma perspectiva tradicional a respeito da classe de palavras pronome, Cunha e Cintra (2008) apontam que os pronomes desempenham na oração funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais, pois tanto representam um substantivo, quanto o acompanham estendendo-lhe significado. Os autores distinguem os PRONOMES SUBSTANTIVOS dos PRONOMES ADJETIVOS, os primeiros aparecem isolados na frase, enquanto os segundos se encontram sempre juntos de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Quadro 1: Os principais pronomes na perspectiva tradicional

Pronomes Pessoais			Pronomes Possessivos				
Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	eu tu ele, ela	meu, minha, nosso, nossa teu, tua, vosso, vossa seu, sua,				
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	nós vós eles, elas	meus, minhas, nossos, nossas teus ,tuas, vossos, vossas seus, suas				
Pronomes Demonstrativos			Pronomes Relativos				
Masculino	Feminino	Invariáveis	Variáveis		Feminino		Invariáveis
este estes esse esses aquele aquela	esta essa aquela estas essas aquelas	isto isso aquilo	O qual cujo quanto	os quais cujos quantos	a qual cuja —	as quais cujas quantas	que quem onde

Fonte: Informações retiradas de Cunha e Cintra (2008)

O quadro acima traz um recorte dos principais pronomes encontrados na maioria das gramáticas do português brasileiro. Com base nele, iremos tratar no nosso trabalho dos pronomes pessoais (retos e oblíquos) e dos possessivos que apresentam relação direta com os pessoais.

Dessa maneira, esse primeiro capítulo consiste em fazer uma abordagem a respeito dos pronomes, principalmente os que têm relação com os pronomes pessoais, ou seja, os pronomes pessoais e pronomes possessivos, que serão abordados nas perspectivas tradicionais e linguísticas.

1.1 Pronomes pessoais e possessivos na perspectiva tradicional

Os pronomes pessoais são conceituados de acordo com as três pessoas gramaticais, pois indicam: *quem fala*, 1ª pessoa do singular *eu* e 1ª pessoa do plural, *nós*; *com quem se fala* 2ª pessoa do singular *tu*, e 2ª pessoa do plural *vós*; *de quem se fala* 3ª pessoa do singular *ele*, *ela*, e 3ª pessoa do plural *eles*, *elas*. Essas formas gramaticais podem representar, quando estão na 3ª pessoa, uma forma nominal, já mencionada antes. Os pronomes pessoais também variam de forma, de acordo com a função que exercem na oração, ou acentuação que nela recebem.

Conforme Cunha e Cintra (2008) os pronomes pessoais podem apresentar as formas RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando têm a função de sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando são empregados como objeto direto e indireto. Com relação à acentuação, os autores diferenciam na categoria dos pronomes pessoais as formas TÔNICAS e ÀTONAS.

Cunha e Cintra (2008) afirmam que os PRONOMES POSSESSIVOS e DEMONSTRATIVOS estão extremamente relacionados aos pronomes pessoais. Dessa forma, os POSSESSIVOS determinam o que lhes cabe ou pertence; já os DEMONSTRATIVOS se aproximam ou se distanciam no tempo e no espaço. Os pronomes possessivos apresentam três formas, relacionadas à pessoa a que se referem, variam com o gênero e o número da coisa possuída, com as formas (meu, minha, meus, minhas, teu, tua, teus, tuas, seu, sua, seus, suas) e com o número de pessoas representadas no possuidor (nosso, nossa, nossos, nossas, vosso, vossa, vossos, vossas, seu, sua, seus, suas).

Quanto ao emprego dos possessivos, acrescentam a ideia de posse à pessoa gramatical. Via de regra, os pronomes adjetivos, equivalem a um adjunto adnominal antecedido da

preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), podem também empregar-se como pronomes substantivos. Como podemos ver no exemplo abaixo:

“**Meu livro** é este.

Este livro é o **meu**.

Sempre com **suas histórias!**

Fazer das **suas**.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p.333)

O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo, que determina o objeto possuído, e em pessoa com o possuidor do objeto. Quando apenas um possessivo designa mais de um substantivo, concorda com o que está mais próximo, como em: “Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu volta.” (MACHADO DE ASSIS, OC,I,715 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 334)

Com relação ao PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO, os autores apontam que a posição deste normalmente é antes do substantivo que o determina, mas que pode em alguns casos vir posposto ao substantivo, isto quando o substantivo não vem acompanhado do artigo definido. O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO pode também vir posposto quando o substantivo já está determinado pelo artigo indefinido, numeral, ou por pronome demonstrativo ou indefinido. Exemplo: “Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...” (E. DA CUNHA, OC, II, 639 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.334).

Ainda a respeito dos possessivos, Cunha e Cintra (2008) abrem um tópico sobre o emprego ambíguo do mesmo, afirmam que as formas *seu, sua, seus, suas*, referem-se indistintamente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou do plural, seja o possuidor masculino ou feminino. Então, ao concordar o possessivo unicamente com o substantivo que denota o objeto possuído, isto pode gerar dúvidas quanto ao possuidor. Nesse sentido, os autores apontam que para evitar ambiguidades quanto ao emprego desses possessivos, o português oferece o recurso de substituir as formas *seus, sua(s)* por *dele(s), dela(s), de você(s), do(s) senhor (es), das senhora(s)*, bem como outras expressões de tratamento.

Outro tópico mostrado por Cunha e Cintra (2008) é sobre os “Valores dos possessivos”, em que eles apontam que nem sempre o pronome possessivo apresenta a relação de posse, pois na língua moderna ele vem assumindo inúmeros valores, que na maioria das vezes se distanciam do seu sentido original. Assim, os possessivos podem empregar-se:

a) como indefinido:

“Tenho tido os **meus vícios**”. (ALVES REDOL, BC, 43. apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.337)

b) na indicação de aproximação numérica:

“Entrou uma mulherzinha **de seus quarenta anos**, decida e de passo firme.” (F. SABINO, HN, 164. apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.337)

c) para designar um hábito:

“Nos **nostros dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.” (Ribeiro Couto, NC, 89 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p.337)

1.2 Pronomes pessoais e possessivos na perspectiva linguística

Seguindo uma abordagem linguística a respeito da classe de palavras pronomes, utilizamos gramáticas que foram elaboradas com base em estudos linguísticos, ou seja, a partir das contribuições da linguística. Perini (2010, p.115) afirma que os pronomes pessoais oblíquos são um “bicho papão tradicional da gramática”, por outro lado, aponta que seu posicionamento na oração no PB é muito simples. O autor diz que os pronomes oblíquos são formas alternadas dos pronomes pessoais *eu*, *você*, e *nós*, e o reflexivo *se*. Então, só no Português Brasileiro (PB) é que esses pronomes têm formas oblíquas, já os pronomes (*ele/ela/vocês/eles/elas*), não têm formas oblíquas, são usados em todas as funções e não sofrem alterações em suas formas.

Perini (2010) reflete que o pronome pessoal *tu* como variedade do PB e suas formas oblíquas *ti* e *-tigo* não são mais usadas no sudeste, já nas regiões sul e partes do nordeste ainda é corrente o uso do *tu*. No caso do pronome *vós* (vos, -vosco) plural de *tu*, está totalmente em desuso no Brasil, até mesmo na escrita.

No capítulo referente às formas nominais (nomes), o autor volta a tratar dos pronomes pessoais, que só ocorrem como núcleo do SN, isso quando são constituintes imediatos, nesse caso, dentro do SN não se admitem outros termos, se o núcleo for um pronome pessoal. Com relação às formas *senhor* e *a gente*, são às vezes considerados pronomes e, segundo Perini (2010), se diferenciam de *você*, *eu*, *ele*, que não podem ocorrer com o artigo. Já os possessivos *meu*, *seu* e *nosso* podem apresentar outros papéis além de possuidor: sua posição é antes do quantificador, o possessivo ocorre juntamente com o artigo *o*. Esses possessivos

podem ser chamados de sintéticos sendo complementados por possessivos analíticos *dele* e *de vocês*.

Outra perspectiva bastante relevante no estudo dos pronomes é a de Azeredo (2010), segundo o qual o pronome é a categoria gramatical de pessoa, que tem como propriedade da linguagem permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens da ação comunicativa, não como indivíduo, mas apenas como participantes do discurso.

Com relação aos pronomes pessoais, Azeredo (2010) os denomina como “as palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso”. (p.175). A classe dos pronomes abrange os pronomes pessoais em sentido restrito, os pronomes demonstrativos e os pronomes pessoais, para o mesmo autor, esses três subtipos fazem referência às pessoas do discurso. Dessa maneira, a nomenclatura oficial denomina os pronomes pessoais das seguintes formas:

- o indivíduo que fala-primeira pessoa do singular (*eu*),
- o conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui-primeira pessoa do plural (*nós/a gente*),
- o indivíduo ou indivíduos a que o *eu* se dirige-segunda pessoa, do singular ou do plural (*tu/vós/você/vocês*), e
- o indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere terceira pessoa do singular ou do plural (*ele/elas*). (AZEREDO, 2010, p. 175)

Segundo Azeredo (2010), as formas da 3ª pessoa (*ele/ela/eles/elas*) são as únicas que variam em gênero, já as formas *eu/nós/você/vocês/tu/vós* fazem referência aos seres como autores da interlocução; pois só podem referir-se a seres humanos ou a seres personificados como ocorre nas fábulas.

Comparando essa abordagem realizada por Azeredo (2010) e a abordagem da gramática tradicional, percebemos que a perspectiva inovadora que o autor traz é com relação à primeira pessoa do plural, em que ele inclui a forma *a gente*, e na segunda pessoa do singular e plural são incluídas as formas *você/vocês*, ocorrência que não é vista na gramática tradicional, já quanto à terceira pessoa do singular e plural, tanto Azeredo (2010) quanto Cunha e Cintra (2008), em suas respectivas gramáticas, comungam da mesma ideia afirmando que são as pessoas ou os indivíduos que são mencionados.

Contudo, Azeredo (2010) lembra que, no geral, as gramáticas escolares brasileiras apresentam um paradigma dos pronomes possessivos, que não corresponde como conjunto, nem mesmo ao uso padrão escrito comum no português brasileiro. O mesmo autor traz um

quadro retirado de uma gramática tradicional que representa este paradigma. Neste quadro, não se reflete a realidade do uso dos possessivos *VOSSO* e suas variações que têm emprego restrito e não entram em contraste com as outras na língua; além disso, a forma *seu* e variações cedem lugar na interlocução as formas *dele/dela/deles/delas/* passando a indicar o destinatário (= *de você/vocês*).

Azeredo (2010) trata de dois subsistemas de pronomes possessivos em português, um relacionado à modalidade escrita de registros formais (subsistema I), que engloba as formas representante dos possessivos e dos pronomes pessoais como; *seu, sua, seus, suas* referentes à 3ª pessoa (*ele, ela, eles, elas*); e o segundo é característico da modalidade de fala (subsistema II), que inclui as formas *seu, sua, seus, suas* referentes ao interlocutor (*você, o senhor*).

É relevante observar que esses autores comungam da mesma quanto ao emprego de alguns possessivos, Cunha e Cintra (2008) afirmam que o fato do possessivo concordar unicamente com o substantivo que designa o objeto possuído provoca um emprego ambíguo das formas *seu, sua, seus, sua(s)*, daí a necessidade de substituir essas formas por *dele(s), dela(s), de você(s), do(s) senhor (es)*. Já Azeredo (2010) diz que essa ambiguidade é contornada pelas formas *dele, dela, deles, delas*, como possessivos de terceira pessoa. E que nas variedades coloquiais e informais servidas pelo subsistema II, é comum o uso dos dois grupos de segunda pessoa.

Castilho (2010) explica que na tradição gramatical os pronomes pessoais eram tidos como “pronomes essenciais”, enquanto os demais eram “pronomes acidentais”. Dentro da nomenclatura linguística, os pronomes essenciais são vistos como núcleos do sintagma nominal, já os acidentais, possessivos, demonstrativos e indefinidos (junto com o artigo) são incluídos na classe dos Especificadores.

O autor levanta alguns questionamentos sobre a complexidade da classe dos pronomes. Uma das perguntas é: seria o pronome uma classe secundária que teria como função apenas substituir os substantivos? A respeito disso ele vai dizer que as línguas naturais fazem a organização do seu quadro pronominal privilegiando a codificação das pessoas do discurso; dos lugares por elas ocupados; e de seu tempo. De acordo com estas propriedades os pronomes são dêiticos, porém, o pronome da terceira pessoa acarretou o surgimento de outra propriedade, a de retomada de conteúdos já ditos. A partir do caráter dêitico dos pronomes inclui-se outra propriedade, a de retomada de elementos do texto, ou anáfora. Assim, se por

um lado à dêixis refere-se a um lugar físico ocupado por participantes, por outro a anáfora faz referência a um lugar-no-texto.

De acordo com Castilho (2010), existem estudos recentes que propõem uma nova reorganização dos pronomes pessoais no PB, principalmente em sua modalidade falada, o que traria algumas modificações na estrutura sintática da língua. Essa reorganização afetaria os demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. A partir daí, o autor mostra o quadro com essa reorganização dos pronomes, em que há uma divisão do português formal e informal.

Quadro 2 -Quadro dos pronomes pessoais no PB

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>Eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>A gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>Vocês/ocês/cês, Prep + vocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: CASTILHO, 2010

A esse respeito, ele retoma um estudo de Neves (2008b) mostrando que as ocorrências de uso do *tu* são bem menores (cerca de 0,25%) em Porto Alegre em comparação ao uso do *você* 99,75%. Esse estudo revela a fala culta dos brasileiros que viviam entre 1970 e 1978 nas cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) que tinham enterrado o *tu*¹. O autor aponta que como o *você* leva o verbo para a

¹ Dados do Projeto Nurc.

terceira pessoa isso está causando um “terremoto na morfologia verbal e em nossas regras de concordância.” (CASTILHO, 2010, p. 478).

O autor relata três processos identificáveis na reorganização do quadro dos pronomes do português brasileiro:

- Criação, substituição e alteração de formas pronominais;
- Perdas e ganhos no quadro dos reflexivos
- Transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa. (CASTILHO, 2010, p.478)

Assim, temos que, na segunda pessoa do singular, o *tu* tem sido constantemente substituído por *você*, que foi originado de alterações fonológicas da expressão de tratamento *Vossa Mercê*. Por meio da gramaticalização desse sintagma tivemos derivações de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *vosmicê* e *vassuncê* > *vancê* > *você* > *ocê*, que atualmente está sendo usado na forma reduzida *cê*. O uso do *Vossa Mercê* e seus derivados era uma forma de tratamento cerimonioso oferecido às pessoas de poder aquisitivo maior, por parte daqueles de poder aquisitivo menor. Já o derivado *você* é usado no PB como forma de tratamento de igual para igual, quando se quer um tratamento mais cerimonioso usa-se *o senhor*.

Já no quadro dos reflexivos, houve perdas e ganhos. Os reflexivos estão perdendo o traço de pessoa, o que acarreta a perda de seu estatuto categorial. Há casos em que o *se* comporta-se na primeira, segunda e terceira pessoa, ou seja, em todas as pessoas gramaticais. Exemplos: “*Eu se alembro, você se alembra, ele se alembra.*” / “*Eu se conformei com a decisão dele.*” (OLIVEIRA, 2006; e NUNES, 2007 apud CASTILHO, 2008, p.480).

A perda da reflexibilidade das formas *me*, *te* e *se*, bem como a repetição do pronome *se* e sua nasalização, mostram a dificuldade dos falantes em utilizar esse vocábulo. Essa perda da reflexibilidade ocorre não só nas formas já citadas, mas em todas as pessoas. Já a perda da apassivação, ou seja, perda do pronome *se* acarretou a indeterminação do sujeito, função que desapareceu na concordância do verbo com seu sujeito passivo, reformulado como objeto direto.

Castilho (2010) aponta outra questão: a transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa. Ele afirma que esse fato é mais frequente no PB popular e no PB culto coloquial. Como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 3 -Transformação dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais no PB informal

Pessoas	Prefixos em função de sujeito no PB não padrão	Prefixos em função de complemento no PB não padrão	Sufixos em função de sujeito no PB padrão
P1	{e-}: Eu vou > Evô {noi-}: Nós vamos > noivamo	Me encontrou > Mincontrô	{-o}: falo {-mos}: falamos
P2	{ce-}: Você vai > Cevai {ceis-}: Vocês vão > ceisvão	Te encontrou > Tincontrô	{-s}: falas {-ys}: falais
P3	{ey-}: Ele vai > Eivai {eys-/es-}: Eles vão > eisvão/esvão	Se encontrou > Sincontrô	{-Ø}: fala {-ãw/-ĩ}: falam/falim

Fonte: CASTILHO, (2010)

Por outro lado, os morfemas sufixais ocorrem nas duas variedades, há também a não ocorrência da P2 plural nas variedades cultas e coloquiais, e alterações fonológicas nas outras pessoas: {-mo} em lugar de {-mos}, desaparecimento progressivo de {-s} e {-ys}. Com relação à colocação dos clíticos no PB, o autor aponta estudos que mostram que os pronomes pessoais átonos ou clíticos *me*, *te*, *se*, *o*, *lhe* podem ser colocados antes ou depois do verbo no PE, e antes no PB.

Esse estudo mostra que, no português, houve certa movimentação dos clíticos, sendo frequentes a ênclise até o século XVI, iniciando o domínio da próclise no século XIV. A gramática tradicional descreve da seguinte maneira os usos da próclise e ênclise: a próclise ocorre seguido dos elementos conjunção integrante ou pronome relativo, advérbio de negação/tempo/focalização, sujeito quantificado. A ênclise e a colocação básica dos clíticos. Por outro lado, não se começa uma sentença com um clítico nas perífrases de gerúndio e participio, os pronomes se colocam antes ou depois do verbo auxiliar.

As perífrases e os tempos compostos no PB ocorrem com a colocação do pronome antes do verbo na forma nominal; por outro lado, no português europeu, a ênclise ocorre com o verbo auxiliar. A virada próclítica ocorreu no século XV, e nas primeiras décadas do século XVI, ao chegarem os primeiros colonizadores portugueses no Brasil. Daí, conclui-se que a “próclise brasileira”(CASTILHO, 2010, p.485) teria raízes no PE do século XV.

Os possessivos, por sua vez, seguindo a tradição gramatical estabelece uma relação entre o possuidor e a coisa possuída. No PB vemos o enfraquecimento do uso do *teu* e *vosso* o que acarreta um vazio da segunda pessoa no quadro pronominal, ocupado por *seu*, *seus*, após um processo de reanálise de seu processo gramatical, essas passaram da P3 para P2.

Revela Castilho (2010) que a definição de que os possessivos possuem relação entre o possuidor e a coisa possuída não se sustenta. As propriedades gramaticais dos possessivos fixados na sintaxe atuam como constituintes dos especificadores do sintagma nominal, sendo pré-núcleo não marcado e pós-núcleo enfático. Ao comparar sintagmas com sentenças tem-se a seguinte estrutura [especificadores +núcleo + complementador] podendo-se relacionar especificador dos sintagmas com o sujeito das sentenças, o núcleo verbal dos sintagmas com núcleo verbal das sentenças, os complementadores dos sintagmas com os argumentos internos das sentenças. As propriedades semânticas dos possessivos apresenta uma realidade complexa, em que o substantivo retoma um referente da P3 e atribui-lhe o papel semântico de possuidor, por outro lado o possessivo retoma qualquer pessoa gramatical atribuindo o traço de possuidor.

Neves (2000) aponta que os pronomes pessoais possuem uma natureza *fórica*, apresenta o traço categorial de fazer *referência pessoal* a alguém ou alguma coisa, daí a sua **função anafórica**, fazem relação a algo que aconteceu ou que vai acontecer **função catafórica**, essas funções são mais comuns nos pronomes da terceira pessoa como no exemplo abaixo:

- Anáfora
 “**SÉRGIO**, porém prosseguira como se só **ELE** tivesse o direito de falar”. (A)
- Catáfora
 “Pois, quem melhor do que **ELE** poderia compreendê-la no seu penar e, portanto, amá-la, se não **ELE, Sílvio Iberê**, que trazia da longínqua infância a marca da predestinação ao sofrimento?” NEVES, 2000, (p.449).

Os pronomes pessoais podem ainda fazer referência a um dos interlocutores (**função exofórica ou dêitica**), ou seja, a uma pessoa que participa da situação de comunicação como a primeira e segunda pessoa. De acordo com a autora, é muito difícil que um pronome de terceira pessoa faça referência a algo ou alguém na situação de comunicação. Há casos em que a referenciação de um pronome de **primeira** e **segunda** pessoa ocorre no texto, isso quando se tem um discurso dentro de outro (**discurso direto**).

Segundo Neves (2000) o traço que define os pronomes pessoais é a capacidade que eles têm de identificar a pessoa gramatical, já que os demais pronomes como demonstrativos e possessivos fazem outro tipo de relação: “**os possessivos** relacionam duas pessoas

gramaticais; os **demonstrativos** localizam algo; em relação com as pessoas do discurso”(p.450).

Conforme Neves (2000), as formas tônicas podem vir como **sujeito** de **verbos** em forma **finita**, há outras formas que não apresentam tais funções tanto para as três pessoas como para o singular e plural. As formas átonas da 1ª pessoa do singular *me*, e do plural *nos*, e da 2ª pessoa do singular *te*, e do plural *vos* são reflexivas e não-reflexivas. Já as formas da 3ª pessoa do singular *o*, *a*, *lhe*, e do plural *os*, *as*, *lhes*, são reflexivas e a forma *se* singular e plural são não-reflexivas.

Já as formas tônicas de 1ª pessoa do singular *mim*, *comigo* e do plural *nos*, *conosco* apresentam a característica de reflexivas e não-reflexivas, a 2ª pessoa do singular *ti*, *contigo* e do plural *vós*, *convosco* possuem essa mesma característica. As formas de 3ª pessoa singular e plural *si*, *consigo* são reflexivas. Essas formas representam um complemento que pertence à mesma pessoa do sujeito “(o sujeito e o complemento são correferenciais)”. A respeito dessas formas reflexivas podemos entender que:

As formas de plural que podem ser **reflexivas** podem também ser **recíprocas**. São construções recíprocas aquelas em que cada um dos termos- o **sujeito** (um **sintagma nominal** ou um **pronome**) e o **complemento** (sempre um **pronome pessoal**)- representa em si mesmo os dois termos (e portanto, as duas **pessoas**) da relação transitiva. NEVES,2000, (p.452)

A partir de sua natureza fórica o pronome pessoal apresenta as seguintes funções:

- “**função interacional**: representar na sentença os papéis do discurso, função que remete à situação de fala;”
- “**função textual**: garantir a continuidade do texto, remetendo a elementos do próprio texto;” (NEVES,2000, p.452)

Neves (2000) afirma que os pronomes pessoais, devido a sua natureza reverenciadora, apresentam na oração uma terceira função, que é a de deixar explícita a natureza temática do referente, utilizando-se para isso, de formas particulares como:

- **EU** e **TU** são de início restritas a função de sujeito:
- **TU** e **VÓS** podem ser usadas como **vocativo**.

São consideradas restritas as funções completivas e as formas oblíquas átonas. A forma oblíqua átona do **pronome pessoal** pode ocorrer como sujeito nas construções que possuem uma **oração infinitiva** que tem função de **objeto direto** do **verbo**, junto ao mesmo

se posiciona o **pronome átono** como clítico. Já o emprego dos **pronomes tônicos** na **função de sujeito do infinitivo**, é mais comum na conversação.

Conforme Neves (2000), os pronomes pessoais átonos não-reflexivos não pertencentes a terceira pessoa apresentam formas particulares para objeto direto como a forma **o** e suas variações de gênero e número. Quanto as formas **O** e **A** dos pronomes pessoais ao assumir a função de proclíticas, podem sofrer alterações. Deixando de ser uma forma verbal com final em vogal **+-r** ou **-s**, passando a **-LO** e **-LA**, a forma verbal perde consoante final e conserva a tônica. Após a forma verbal com final nasal, transformam em **-NO** e **-NA**, não provocando alteração na forma verbal.

Em construções com o **pronome LHE** na função de **complemento** dos **verbos** que são construídos como objeto direto, não são bem aceitas na norma prestigiada. Por outro lado, as formas de objeto indireto podem ser empregadas com o sintagma nominal para fazer referência do tipo possessivo.

São consideradas restritas as funções completivas das formas oblíquas tônicas MIM e TI, que aparecem na forma de preposição. A autora aponta que a gramática tradicional justifica que os pronomes EU e TU não podem ser seguidos de preposição, pois só admitem a função de sujeito. No entanto, Neves (2000) traz alguns exemplos que comprovam que esses pronomes podem ocorrer junto de uma preposição, como no caso a preposição **entre**, que ocorre tanto na linguagem popular como na literária e jornalística, sejam estes pronomes pertencentes à segunda posição, o que é mais aceito pela gramática, ou a primeira:

EX.: “Claro que **entre ele e EU** havia dificuldades”. (NEVES, 2000, p. 456)

As formas tônicas ELE e suas flexões, NÓS e VÓS, funcionam tanto como **sujeito**, como **complemento**. Por outro lado, a gramática só aceita essas formas como complemento se elas forem preposicionadas. Por sua vez, a autora mostra que essas formas são comuns principalmente na linguagem falada, como também na escrita. Essas formas são mais usadas na conversação quando aparece na posição tônica.

Neves (2000) traz uma abordagem acerca do sintagma nominal *a gente* afirma que, na linguagem coloquial ele é empregado como pronome pessoal, para fazer referência a primeira pessoa do plural *nós*. Fazem-se a concordância plural com o *a gente*:

EX.: “*Vou montar uma casa pra você e A GENTE vai ficar sempre juntos*”. (NEVES, 2000, p.469)

O *a gente* ainda pode fazer referência genérica englobando todas as pessoas do discurso. A autora mostra que construções como:

“*Não se pode falar desse assunto com Carlinhos. A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal*”.
(NEVES, 2000, p.469)

Percebemos que essas construções possuem as mesmas características, com relação à indeterminação do sujeito, por outro lado o *a gente* deixa claro a sua relação com a primeira pessoa nesse conjunto.

Assim, nossa pesquisa, considerando a relação do *a gente* com a primeira pessoa do plural *nós*, pretende analisar como esta é abordada em textos da esfera da jornalística, pois acreditamos que apesar desses textos possuírem manuais que prescrevem o modo como as matérias devem ser redigidas, podem apresentar essas duas formas, principalmente em gêneros que buscam uma proximidade maior com o leitor como a propaganda entre outros).

CAPÍTULO 2

NÓS E A GENTE NO CONTEXTO DO FUNCIONALISMO E DA GRAMATICALIZAÇÃO

Para melhor compreensão do processo de mudança por qual está passando a categoria pronomes, iremos retomar algumas teorias do funcionalismo mostradas por Castilho (2010), em seguida, iremos tratar do processo de gramaticalização exposto por Gonçalves (2007) e outros autores e faremos uma ponte mostrando como está ocorrendo esse processo com a forma *a gente*.

Dessa maneira, para melhor compreender a abordagem funcionalista, utilizaremos alguns conceitos que distinguem esta de uma outra corrente linguística o formalismo.

O funcionalismo abriga uma série de teorias auxiliares como: a língua como competência comunicativa; a língua como conjunto de funções socialmente definidas; a língua como um conjunto de atos de fala; a língua como variação e mudança; e a língua como discurso.

O formalismo concebe a língua como um conjunto de orações, em que o correlato psicológico é a competência comunicativa, ou seja, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Nesse sentido, as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, já a sintaxe é autônoma em relação à semântica e à pragmática.

Já o funcionalismo concebe a língua como um instrumento de interação social em que a relação psicológica é a competência comunicativa, ou seja, a capacidade de manter a interação através da linguagem. As descrições das expressões linguísticas devem oferecer pontos de contato com seu funcionamento em determinadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, que estuda a Semântica e a Sintaxe.

A sintaxe juntamente com a fonologia e a morfologia integram a gramática, e esta juntamente com o léxico, o discurso e a semântica compõem os quatro sistemas linguísticos das línguas naturais, veremos que o formalismo e funcionalismo se diferenciam apenas na estratégia de abordagem e no papel conferido a esses sistemas. Assim, essas duas correntes se assemelham, no reconhecimento das categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, mudando a ênfase em seu enfoque.

Segundo Castilho (2010), a sintaxe formal contextualiza a língua nela mesma, ou seja, nas propriedades internas e nas relações que podem ser estabelecidas entre os constituintes e seus significados. Por outro lado, a sintaxe funcional contextualiza a língua na situação de interação a que as estruturas estão correlacionadas, com atenção maior ao modo como ela se gramaticaliza, ou seja, a forma como ela representa as categorias sociais e cognitivas na sua estrutura gramatical. As tendências da Sintaxe Funcional têm por objetivo eleger o discurso e a semântica como componentes centrais de uma língua, o que constitui o seu ponto de partida, e a gramática o seu ponto de chegada.

O formalismo e o funcionalismo se fixaram na Linguística brasileira, apesar de existirem estudos mais recentes do funcionalismo, havendo atualmente alguns pontos que convergem entre esses modelos. Dessa forma, o gerativismo faz menções à Semântica em sua subteoria dos papéis temáticos. Enquanto, a Sintaxe Funcional, não pode deixar de lado as regularidades da estrutura da língua. Para DuBois (1985 apud Castilho, 2010), chama a atenção para de que quando se fala nas “motivações em competição” que caracterizam as línguas naturais, identificam-se de um lado, as necessidades discursivas dos falantes, no quadro de um “funcionalismo transparente “e, de outro, as forças internas de um “estruturalismo autônomo”.

Para entender melhor a relação “língua como atividade social”, o funcionalismo desenvolveu algumas reflexões sobre as *funções da língua*.

Malinowski (1923/1972 apud Castilho, 2010) ao estudar a cultura da polinésia identificou três funções: a função pragmática, dada pela língua em ação; a função mágica, dada pela a língua como uma forma de controle sobre o meio ambiente; e a função narrativa, dada pela língua como depósito de informações úteis.

A formulação mais divulgada graças aos estudos de Mattoso Câmara Jr foi a de Bühler (1934/1961 apud Castilho, 2010) que destacou que existem três funções da língua como atividade social: informar, ordenando e representando a realidade circunstante, em que predomina a *função representativa* do assunto; manifestar estados da alma, exteriorizando nosso psiquismo, em que predomina a *função emotiva* do falante; influir no comportamento do interlocutor, atuando sobre ele, em que predomina a *função apelativa* que ressalta o ouvinte. Para o autor, as línguas naturais codificam de várias formas essas três funções.

Castilho (2010) afirma que a Gramática Funcional procura relacionar as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas na qual elas foram geradas. Ao situar a língua em seu contexto social, ela ultrapassa o limite da sentença e avança na análise de textos extensos. Essa vertente de estudos “desencapsulou” a língua de seus rígidos limites impostos pelo estruturalismo e gerativismo, instituindo relações entre os fatos gramaticais e os dados de comunidade que os gerou. Assim, a Gramática Funcional manifesta-se contra a “pasteurização” da língua sustentada pela atitude formalista, que postula a língua como uma atividade mental ou como código.

Segundo Castilho (2010), os funcionalistas não escondem certo desgosto quando são confrontados com as análises gramaticais que pegam sentenças descontextualizadas como matéria- prima para as reflexões. Sobre isso, Halliday (1974 apud Castilho, 2010) propõe claramente uma mudança no enfoque, com concentração nos usuários e nos usos da língua, valorizando o emissor, o receptor e a variação linguística no quadro da reflexão gramatical.

Como já afirmamos o funcionalismo abriga diversas teorias, dentre elas a mais importante na nossa pesquisa é a questão da língua como variação e mudança. A respeito da variação das formas *nós* e *a gente*, Franceshini (2009), aponta que estudos recentes sobre os pronomes pessoais, especificamente sobre as formas de 1ª pessoa do plural, destacam aspectos sobre a categoria de pessoa e a noção do “eu-ampliado”. Para isso, a autora se utilizou de Benveniste (1995), para mostrar que existem diversos estudos que buscam identificar as diferentes possibilidades de formas pronominais, como a variação do *nós* e *a gente*, que são usadas para expressar o “eu-ampliado”.

Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unicidade e a subjetividade inerentes a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eu” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não-eu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. (BENVENISTE, 1995, p.256 apud FRANCESHINI, 2009, p.1).

O termo gramaticalização surgiu devido aos processos de mudança linguística. Essa constante mudança no sistema linguístico se deu através de novas formas para as funções já existentes, e de novas funções para as formas já existentes. A gramaticalização é também um fenômeno de estudos linguísticos que estuda elementos gramaticais ligados ao discurso.

Alguns autores, dentre os quais Castilho (2010), apontam que não existe uma gramática pronta, ou seja, um produto acabado, o que existe é a gramaticalização.

O autor esclarece que a gramaticalização pode ser pensada como *processo*, *paradigma* ou como um estudo *sincrônico* ou *diacrônico*. É considerado como processo quando se detém a analisar e identificar itens que tornam-se mais gramaticais. Como paradigma quando faz um estudo da língua que focaliza mais o surgimento de formas gramaticais e construções e como são usadas. Pode ser ainda estudada através das perspectivas: *diacrônicas* quando a preocupação está voltada para explicação de como surgem e se desenvolvem novas formas gramaticais na língua, e *sincrônicas* quando se tem uma preocupação com os graus de gramaticalidade de uma forma linguística que se desenvolve por meio de deslizamentos funcionais, podemos também através dessas perspectivas fazer um estudo de um item lexical.

O processo de gramaticalização se instaurou quando uma unidade linguística começou a ganhar propriedades de formas gramaticais, ou se possuía estatuto gramatical, teve sua gramaticalidade ampliada. A esse respeito Castilho (2002 apud Gonçalves, 2007) afirma que itens lexicais não possuem propriedades gramaticais, como as que admitiam a identificação de suas classes morfológicas.

Dentro desse processo de gramaticalização, há palavras de uma categoria lexical como (nomes, verbos e adjetivos) que podem integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares), os quais em outro momento podem se tornar afixos. O critério mais apropriado para essa classificação é autonomia das palavras.

Os estudos iniciais de gramaticalização, e principalmente a ideia de gramaticalização como ferramenta da linguística histórica, procurava descobrir as origens e mudanças envolvendo morfemas gramaticais, o que complementava o campo da etimologia e da evolução histórica das palavras. Já nos dias atuais podemos conceber os estudos da gramaticalização por meio do processo sincrônico.

Em relação ao recorte temporal, autores como Traugott & Heine (1993 apud Gonçalves et al 2007) defendem que o termo *gramaticalização* pode ser remetido a um processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação, mesmo que tempos atrás, remetesse a um processo unicamente diacrônico.

A gramaticalização, como todo fenômeno, necessita de um princípio, uma lei geral que o determine e identifique. Assim, Castilho (2006 apud Gonçalves 2007) estabelece os seguintes princípios: *ativação*, ou princípio de projeção pragmática; *reativação*, ou princípio

de correção; *desativação*, ou princípio do silêncio. Para o autor o fundamento desses princípios se encontra nas estratégias de gestão dos turnos conversacionais, o que situa a conversação como uma manifestação discursiva, estes princípios são orientados pelas observações empíricas, portanto, não precedem os dados da língua.

Para alguns estudiosos o princípio mais adequado ao processo de gramaticalização é o da unidirecionalidade, que é considerado um recurso analítico que permite a organização e melhor compreensão dos vários usos associados à determinada forma. Esse recurso promove uma espécie de recorte de um tipo específico de mudança, que vai promover um rebaixamento da categoria de um elemento, que vai em direção a uma estrutura mais gramatical e não o contrário. Isso indica que nem toda mudança pode ser considerada como envolvendo gramaticalização, mas já toda gramaticalização implica necessariamente estágios de mudança.

Segundo Heine (1994 apud Gonçalves et al 2007), para dar conta do desenvolvimento das categorias gramaticais, torna-se necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática, motivo pelo qual a transferência conceptual e os contextos favorecem a reinterpretação e devem ser observados. Para isso, são necessários dois mecanismos de gramaticalização: “a transferência conceptual (metáfora)”, que aproxima domínios cognitivos diferentes; “a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia)”.

A metáfora promove a mudança semântica que ocorre nos processos de gramaticalização, ligada a processos de (des)semantização, ela envolve a abstração de significados, estes possuem domínios lexicais ou menos gramaticais, que são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais.

Para Heine (1991 apud Gonçalves et al 2007), a metáfora relacionada à gramaticalização é diferente daquela vista nas figuras de linguagem, pois esta é pragmaticamente voltada para a função na gramática. Por meio dela não se formam novas expressões, são introduzidas predicções preexistentes em novos contextos ou aplicadas a novas situações através da extensão de significados: essa é a chamada “metáfora emergente” que dá origem à gramaticalização de natureza categorial.

A metonímia tem por função referencial usar uma entidade em substituição de outra, funciona como mecanismo de entendimento apontando mais aspectos do que está sendo referido. O que mostra que os conceitos metonímicos não são arbitrários, e sim sistematizados, fazem parte de pensamento, ações e fala, e são exemplificados por meio das relações de substituição, “parte pelo todo”, “produtor pelo produto”, “continente pelo conteúdo” etc.

Alguns autores definem a metonímia como uma figura de linguagem que usa o nome de uma entidade em outra entidade de forma contígua à primeira, e defendem que esse mecanismo é favorável ao processo de gramaticalização. Ela ainda pode ser vista como a metáfora, uma categoria de extensão de significados, e um processo fundamental de associação de significados baseados na contiguidade.

Dentro do processo de gramaticalização a metonímia pode remeter a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discurso, ou uma transferência semântica por contiguidade. Isso indica uma permuta que ocorre quando o uso de uma palavra em uma frase pode formar um elemento do contexto.

Diante disso, para melhor corroborar com o nosso trabalho, temos a necessidade de identificar os fatores, principalmente os de natureza sintático-semântica que atuaram e continuam atuando no processo de gramaticalização da forma *a gente*, em especial aos que estão relacionados a sua efetivação como pronome pessoal.

Castilho (1997 apud Borges, 2004) afirma que a gramaticalização está associada a uma perspectiva de estágios, de gradação. No processo de mudança do *a gente*, estão envolvidos aspectos linguísticos como o semântico/referencial, que podem ser encontrados em diferentes pontos no decorrer de sua trajetória. Levando em consideração que diferentes regras variáveis podem estar atuando em determinada comunidade, podemos supor que as mudanças em torno do *a gente* estão relacionadas, em menor ou maior escala às diferentes características sociais dos falantes que lideram as mudanças, como diferenças de idade, de gênero e de classe social.

Estudos feitos por Ziles (2002 apud Borges, 2004) sobre a gramaticalização do *a gente* no português do Brasil mostra diferentes estágios de mudança no PB como: recategorização de *a gente* como pronome pessoal e redução fonológica da forma para *a' ente* -. Mesmo sendo a gramaticalização um processo unidirecional e cíclico, a variação e mudança estão presentes em função de diferentes aspectos sociais, como faixa etária, gênero, classe social e nível educacional. Para o autor, é necessário considerar o caráter contínuo, unidirecional e cíclico associado à gramaticalização que não ocorre de forma categórica, e sim decorrente de um processo de variação, já que os índices de usos da forma gramaticalizada variam de acordo com as características sociais dos falantes de cada comunidade.

Seguindo um percurso histórico-descritivo da evolução diacrônica do *a gente* acredita-se que esta forma originou-se através da junção do artigo “a” e o substantivo “*gente*” que apresenta traços semânticos da primeira pessoa, acredita-se que esta forma não tenha

surgido no período dos estudos históricos da língua que vai do século XIII até o século XVI. A partir do desaparecimento da forma *as gentes* começa a ganhar espaço a forma singular de *a gente* de carácter indeterminado e coletivo.

Há estudos que mostram a evolução diacrônica da forma *a gente* com base em fatores “formais-semânticos”, o corpus desse estudo está distribuído entre os séculos XIII e XX, mas só na metade século XIX é que a forma *a gente* passou a ser vista como pronome pessoal. Já entre os séculos XVI e XX o *a gente* passou a ser visto como uma forma ambígua, ora como sinônimo de pessoa, ora como variante da forma *nós*.

Segundo Borges (2004) apesar da gramaticalização do *a gente* ser um processo que restringe as possibilidades semânticas do pronome, ainda existe uma interpretação ambígua quanto a sua utilização. Como podemos observar no exemplo abaixo apresentado pelo autor que mostra que a forma *a gente* não está definindo claramente o seu referente, que pode ser tanto “eu” + “toda e qualquer pessoa”, como apenas “eu”. Exemplo. “Vamos.... Espere, o melhor é eu até mudar já o vestido, não é? Este perfume está me arrepiando. Depois da missa do estio, **a gente** já pode tirar o luto.” (LOPES 1999 apud BORGES, 2004).

Said Ali (1964 apud BORGES, 2004) afirma que a forma *a gente* está sendo utilizada na linguagem familiar como exemplo de indeterminação do sujeito, mas que em algumas gramáticas históricas já haviam comentários sobre a utilização de *a gente* como manifestação popular associada ao pronome pessoal de primeira pessoa *nós*. Dias (1953 apud BORGES, 2004) diz que, na conversação, *a gente* é empregado no lugar do pronome *nós*: *Venha com a gente*. Já Nunes (1956 apud BORGES, 2004) apresenta o seguinte comentário: “No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa o *nós*” (p.44).

Dessa forma, percebemos o início da entrada no quadro dos pronomes pessoais do PB da forma *a gente*, caracterizando um processo de variação e mudança ligadas a fatores linguísticos e sociais, presentes na alternância entre *a gente* e *nós*. A forma *a gente*, antes vista como indeterminada, passou a ganhar características determinadas. A grande utilização do *a gente* pela maioria dos falantes do português fez com que esse fenômeno passasse a ser citado em algumas gramáticas normativas do PB, apresentando na maioria das vezes, posições divergentes quanto à explicação desta ocorrência.

A respeito disso Schmitz (1973 apud BORGES, 2004) aponta que a forma *a gente* é normalmente referida nas gramáticas como pronome de tratamento ou pronome indefinido, chegando a alguns casos a ser considerada como “parte popular da fala”, sendo pronunciada apenas pelo povo. Já em alguns casos o *a gente* nem chega a ser citado nas gramáticas. Schmitz ainda afirma que muitos gramáticos deixam de enfatizar a amplitude verdadeira de seu uso, pois mesmo sabendo que a forma *a gente* não é usada em situações formais, deve-se levar em consideração o seu uso tanto por falantes escolarizados como não-escolarizados em situações menos monitoradas.

CAPÍTULO 3

O NÓS E O A GENTE NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

3.1 Números de ocorrências das formas *nós* e *a gente* nos gêneros jornalísticos

Com base nos textos selecionados iremos analisar a ocorrência do *nós* e do *a gente* em gêneros como artigo de opinião, carta do leitor, entrevista e propaganda distribuídos nas fontes do Jornal do Comércio, Folha de São Paulo, Isto é, Época e Veja. Escolhemos esses gêneros por acreditarmos serem os melhores para tratar da questão da variação em textos considerados como formais, e por serem gêneros que buscam uma proximidade maior com o leitor, há uma tendência maior em utilizar essas duas formas. Para uma melhor visualização distribuímos essas ocorrências em cinco quadros, os quais serão expostos no decorrer desta análise.

No quadro 04 referente ao gênero artigo de opinião, é possível observar que dos 13 artigos que analisamos, foram encontradas 47 ocorrências do *nós* e 3 do *a gente*. Assim, através desses números comprovamos que o *nós* não está deixando de ser usado e cedendo lugar ao *a gente*. O que vemos é que há uma tendência de usar as duas formas, mas havendo ainda uma preferência maior em usar a forma *nós*, provavelmente isso ocorra por ela ser considerada mais formal dentro da língua padrão.

Quadro 4: Artigo de opinião

Fontes	AO	NÓS	A GENTE
JC	03	06	01
FDS	04	10	0
IST	01	02	0
EP	02	08	01
VE	03	21	01
Total	13	47	03

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

O trecho seguinte, retirado da Folha de São Paulo, exemplifica as ocorrências nas quais ainda há preferência em usar a forma *nós*.

EX:1“Para nós, é da maior importância termos a presidenta que temos. Ela não é apenas mulher, ela valoriza a condição feminina.” (FSP, AO, 08/02/2012, p.02).

Especificamente nessa situação, é possível perceber a força da utilização do *nós* para a autora expressar sua opinião a respeito do fato de o Brasil ter uma presidenta e também para reforçar o envolvimento dessa autora com as leitoras do artigo.

Quanto ao gênero carta do leitor, escolhemos cartas que trazem a ocorrência de uma ou outra forma, foram analisadas 17 cartas nas fontes já mencionadas. Como vemos, não houve ocorrências do *a gente* em nenhuma das fontes e na revista Época, especificamente, não houve registros de nenhuma das formas. No total encontramos nesse gênero 16 ocorrências do *nós* e nenhuma do *a gente*. Como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 5: Carta do leitor

Fontes	CL	NÓS	A GENTE
JC	04	06	0
FDS	06	06	0
IST	01	02	0
EP	0	0	0
VE	06	02	0
Total	17	16	0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Na análise das cartas dos leitores, acreditávamos que haveria uma ocorrência maior do *a gente*, por ser um gênero menos formal, já que se trata de textos que expressam a opinião do leitor. No entanto, das 17 cartas analisadas não encontramos nenhuma ocorrência da forma *a gente*, a explicação para isso, vem do fato de que a maioria dos jornais e revistas fazem reedição do material que recebem, é o que eles chamam de edição. Vejamos o trecho da revista Isto é: EX, 2 “É de extrema importância que o otimismo esteja incorporando como pano de fundo na vida pessoal. Ele resgata o pensamento de que nossa existência é efêmera e, por isso, devemos propagar o que há de melhor.” (IST, CL, 08/02/2012, p.14).

O mesmo resultado foi encontrado nas entrevistas. Nas 4 entrevistas analisadas, encontramos 46 ocorrências do *nós* e nenhuma do *a gente*. Como podemos visualizar no quadro, abaixo.

Quadro 6: Entrevistas

Fontes	ENT	NÓS	A GENTE
JC	01	19	0
FDS	0	0	0
IST	01	02	0
EP	01	20	0
VE	01	05	0
Total	04	46	0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Vale salientar que as ocorrências do *nós*, encontradas nas entrevistas apareceram nas falas dos entrevistados e na fala dos entrevistadores não ocorreram nem o *nós* nem o *a gente*. Um exemplo pode ser visto neste trecho retirado do Jornal do Comércio.

EX. 3 “No caso da Funase, estamos trabalhando sério. Não temos apenas ocorrências de fatos desagradáveis. Hoje temos unidade que é referência nacional em tratamento dos adolescentes usuários de crack.” (JC, ENT, 12/01/2012, p.5).

Já no quadro 07 do gênero propaganda foram identificadas 9 ocorrências do *nós* e 1 do *a gente*.

Quadro 7: Propaganda

Fontes	PROG	NÓS	A GENTE
JC	03	0	01
FDS	02	0	0
IST	01	07	0
EP	01	01	0
VE	02	01	0
Total	09	09	0

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Assim, da análise desses gêneros acabamos não comprovando a hipótese de que o uso das duas formas é comum em gêneros que desejam uma aproximação maior com o público como da propaganda, pois vimos nesses gêneros que a ocorrência da forma *nós* ainda é bem mais frequente que o *a gente*.

3.2 Posição das formas *nós* e *a gente* dentro do sintagma nominal (SN)

Ao investigarmos a funcionalidade das formas *nós* e *a gente*, a partir da posição em que ocorrem dentro dos sintagmas nominais (SN), constatamos que o *a gente* funciona em todas as ocorrências, na posição de sujeito explícito. Em contraposição, o *nós* apresenta pelo menos quatro funções diferentes.

No quadro 08, abaixo, colocamos todas as ocorrências do *nós* como sujeito, tanto como sujeito explícito (SUJ EXP), como sujeito implícito (SUJ IMP), as formas *nosso* e *nostra* na função de adjunto adnominal (ADJ ADN), seguindo a nomenclatura da gramática tradicional ou especificador (ESPECIF), de acordo com o funcionalismo e as ocorrências do *nos* como complemento verbal (COMP VER).

Quadro 8: Ocorrências do *nós* e do *a gente* quanto à posição no SN

Fontes	SUJ EXP	SUJ OCUL	ESPECIF	COMP VER
JC	03	31	03	02
FDS	05	16	06	02
IST	02	13	04	01
EP	04	29	07	05
VE	03	27	12	11
Total	17	116	32	21

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012.

Por meio do quadro 08, podemos perceber todas as funções que essas formas apresentam dentro dos diversos contextos analisados, artigo de opinião, entrevista, carta do leitor e propaganda. A partir dessas informações, constatamos que nossa hipótese inicial não foi confirmada, pois acreditávamos que gêneros como a propaganda, por buscar uma aproximação maior com o público, utilizaria a variação, mas de todas as ocorrências analisadas, apenas 4 são do *a gente*.

Vimos que a forma *nós* aparece posicionada dentro do SN da seguinte forma: o *nós* aparece com maior frequência na posição de sujeito oculto, com cerca de 116 ocorrências contra 17 ocorrências na posição de sujeito explícito, enquanto o *a gente* aparece unicamente na posição de sujeito explícito com 4 ocorrências. Do ponto de vista morfológico, é fácil entender que a presença da desinência de primeira pessoa *-mos* nos verbos é um forte motivo para não usar o *nós* como sujeito explícito, já que, por si só, essa desinência sustenta a referência à primeira pessoa do plural. Além disso, elimina um traço redundante da regra de concordância, natural da gramática da nossa língua portuguesa, que exige que o verbo concorde em número e pessoa com o sujeito. Diferentemente do *a gente* cuja forma verbal segue a terceira pessoa do singular, então é natural que haja necessidade de explicitá-lo no sintagma.

De qualquer forma, esse resultado apenas revela que, independentemente do gênero, ainda há uma preferência maior em utilizar formas mais prestigiadas da língua padrão, até a

propaganda, que acreditávamos ser um gênero menos formal, e que busca uma aproximação maior com o público, no corpus analisado, utilizou-se mais da forma *nós*. A seguir apresentamos, os trechos com as ocorrências e posições do *nós* e *a gente* dentro do SN.

Forma nós como sujeito oculto com verbo na primeira pessoa do plural

“Como moro em Aldeia, vou toda semana ao Zé do Mé, onde tratamos para salvar a pátria e aproveitamos para salvar também os Estados Unidos, pois faz parte da turma o americano-baiano-aldeense John Fryer, fundador da excelente Escola Internacional de Aldeia (EIA).” (JC, AO, 14/01/2012, p.14).

Forma nós como sujeito explícito na primeira pessoa do plural

“Para nós, é da maior importância termos a presidenta que temos. Ela não é apenas mulher, ela valoriza a condição feminina.” (FSP, AO, 08/02/2012, p.02).

Forma a gente como sujeito explícito

“A gente se orgulha de participar da conquista de todos, por isso a nossa alegria estampa esta página.” (JC, PROG, 15/01/2012, p.5).

Outras ocorrências também foram analisadas como os possessivos *nosso*, *nossa*, que apareceram na função de adjunto adnominal, o reflexivo *nos* na função de completo verbal. Como podemos observar nos trechos:

Forma nosso/nossa como especificador

“O maior e mais consistente exemplo dessa competência é nosso Blog Mulher 7x7, comandado pela colunista Ruth de Aquino.” (EP, AO, 05/03/2012, p.8).

“Além do blog, várias de nossas editorias têm conseguido desvendar os assuntos que mobilizam a alma feminina.” (EP, AO, 05/03/2012, p.8).

Vimos que os possessivos *nosso* e *nossa* aparecem na posição de especificador ou, como denominaria a gramática tradicional, adjunto adnominal e referem-se à primeira pessoa do plural *nós* no quadro dos possessivos. No corpus analisado, a ocorrência da primeira pessoa do plural como especificador representa 32 ocorrências. Como afirmam Cunha e Cintra (2008), os possessivos são via de regra pronomes adjetivos, que equivalem ao adjunto adnominal, o qual especifica o substantivo a que se referem. Contudo, vale lembrar, como alerta Azeredo (2010), que esses pronomes podem não significar posse. Como podemos ver nesse trecho retirado da revista *Época*.

“Não somos um “bloco” homogêneo. O risco é trair a nós mesmas e aos homens, se continuarmos a criar nossas filhas como “princesinhas” e nossos filhos como “super-homens”. (EP, AO, 05/03/2012, p.114).

Vemos nesse trecho que não houve relação de posse em nenhuma das ocorrências o que houve foi uma substituição da 1ª pessoa do plural. A respeito disso, Castilho (2010), afirma que a definição de que os possessivos possuem relação entre o possuidor e a coisa possuída não se sustenta, pois as propriedades semânticas dos possessivos traz uma realidade complexa, em que o substantivo retoma um referente da P3 e atribui-lhe o papel semântico de possuidor, por outro lado o possessivo retoma qualquer pessoa gramatical atribuindo o traço de possuidor.

Forma nos como complemento verbal

“É irônico que Jobs tenha sido a pessoa que nos deu todas essas novas tecnologias e nós, a comunidade de médicos e cientistas, não tenhamos sido capazes de retribuir com o tipo de tecnologia médica de que precisava.” (EP, ENT, 05/03/2012, p.69).

O reflexivo *nos*, representa a primeira pessoa do plural na posição de complemento verbal e aparece tanto na posição de objeto direto como objeto indireto, conforme Cunha e Cintra (2008), as formas oblíquas átonas podem ocorrer tanto na posição de objeto direto como na de objeto indireto. Como vemos nos trechos retirados da revista época.

EX. 4 “Não nos cabe – e nem temos essa pretensão – decifrar enigmas filosóficos que atormentam as melhores mentes há milênios.” (EP, AO, 05/03/2012, p.8).

EX. 5 “Não acho as mulheres mais tristes do que os homens – embora a gente reclame mais. Talvez tenhamos nos acostumado a perceber que nada cai de graça no nosso colo. Precisamos reivindicar, refletir e discutir.” (EP, AO, 05/03/2012, p.114).

Azaredo (2010) lembra que o pronome colocado antes do verbo é considerado como uso padrão na variedade culta desde que a palavra que o precede seja “um advérbio de significação negativa ou pronome de significação negativa”.

Com a análise desses gêneros, constatamos que, na verdade, o que influencia na ocorrência dessas formas não é o gênero, e sim a modalidade, já que a ocorrência do *nós* é mais frequente na modalidade escrita diferente do *a gente* que ocorreu numa frequência menor.

Nesse sentido, pretendemos com esses dados mostrar que apesar dos estudos já existentes a respeito da variação linguística, da sua importância na língua e, principalmente,

da necessidade de não ignorá-la, ainda assim há uma resistência em usá-la na modalidade escrita, já que as formas mais prestigiadas estão tão enraizadas dentro da sociedade.

Apesar de muitos autores como Castilho (2010), que apresenta uma reorganização no quadro dos pronomes pessoais no PB, principalmente na modalidade de fala, sabemos que a maioria das gramáticas e dos livros didáticos da perspectiva tradicional ignoram essa mudança, continuam apresentando o quadro dos pronomes pessoais sendo composto por três pessoas gramaticais no singular (*eu, tu, ele/ela*) e três do plural (*nós, vós, eles/elas*). Isso mostra uma grande resistência dos manuais de gramática em admitir a variação como sendo parte da língua em uso pela maioria dos falantes.

Essa grande preferência pela forma mais prestigiada da língua, representada aqui através do uso do pronome *nós*, pode ser explicada também pela grande exigência da sociedade e do mercado de trabalho de que as pessoas falem de acordo com norma prestigiada, porque só assim conseguirão, entre outras coisas, ascensão profissional.

Vários estudos acerca das formas *nós* e *a gente* já foram feitos fazendo um contraste entre a fala culta e a fala popular. A esse respeito, Omena (1996 apud MUNIZ, 2008) “constata que o fenômeno da variação entre as formas *nós* e *a gente* indica um processo de mudança linguística em curso, haja vista que a forma inovadora vai de forma gradual ocupando o espaço da forma conservadora”.

Dentre os estudos desenvolvidos por Omena (1996 apud MUNIZ, 2008), destacamos um, no qual, em um *corpus* com 64% participantes de fala popular do Rio de Janeiro a autora constatou uma preferência de 69% da forma *a gente*. Outros fatores além de escolaridade, sexo, idade também foram estudados, como renda, exposição à mídia, mercado ocupacional e sensibilidade linguística. As formas *nós* e *a gente* foram analisadas nas diferentes funções que apresentam, objeto direto, objeto indireto, completo nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial e predicativo do sujeito, foram controlados também fatores linguísticos como o número e a determinação do referente, a saliência fônica e a sequência do discurso.

Nesta pesquisa, ela constatou que as formas usadas na representação da primeira pessoa do plural no PB estão ocorrendo em todas as faixas etárias, mas havendo uma preferência dos mais jovens em utilizar a forma *a gente*. No entanto, com o passar dos anos e com a mudança de faixa etária observou-se que os falantes sofrem um tipo repressão de forças

mais conservadoras que os fazem preferir a forma *nós*. Isso é explicado devido a sua ampliação dentro da sociedade, e principalmente no mercado de trabalho.

Com relação à variável sexo, notou-se que as mulheres tendem a utilizar a forma *nós* mais do que os homens devido à atividade profissional. No fator escolaridade, observou-se que quanto maior a escolaridade maior o apagamento do sujeito como referência da 1ª primeira pessoa do plural.

No que se refere à proposta da nossa pesquisa, decidimos investigar essas fontes para saber em que contextos favoreciam ou desfavoreciam a variação pronominal, com o objetivo de entendê-la e de mostrar que textos formais também podem utilizar a variação, já que a todo momento estamos fazendo uso da mesma na fala.

3.3 Número de ocorrências do *nós* e do *a gente* em gêneros orais

Com base nos vídeos selecionados iremos analisar as ocorrências do *nós* e do *a gente* nos seguintes suportes: Jornal Hoje e NE TV, os quais acreditamos serem fundamentais para analisar o uso dessas formas, pois são considerados gêneros formais e fazem uso da oralidade para transmitir informações aos telespectadores. Além disso, acreditamos que por estarem disponíveis a todos os tipos de públicos tendem a utilizar uma forma menos padrão como é o caso do *a gente*. Para melhor verificarmos essas ocorrências, observamos o quadro abaixo.

Quadro 9: Ocorrências do *nós* e do *a gente*

Fontes	Vídeos	NÓS	A GENTE
JH	03	11	13
NE TV	03	14	14
Total	06	25	19

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Neste quadro vemos distribuídas as ocorrências do *nós* e do *a gente* em 6 vídeos analisados, os quais foram retirados do site dos respectivos jornais. Encontramos no Jornal

Hoje 13 ocorrências do *a gente* e 11 da forma do *nós*. Já no NE TV encontramos 14 ocorrências do *nós* e 14 do *a gente*.

Para a análise desses vídeos não coletamos vídeos com a edição completa do jornal, consideramos apenas os trechos de entrevistas e reportagens que encontramos com o uso das formas *nós* e *a gente*.

Nos vídeos coletados do JH, selecionamos duas reportagens, e uma entrevista. Podemos observar que nestes vídeos houve mais ocorrências do *a gente*, assim concluímos que dentro da oralidade o falante tende a utilizar tanto a variação como a forma culta, seja em um recurso de mídia nacional ou local. No NE TV o número de ocorrências do *nós* e do *a gente* foi o mesmo, isso só confirma a liberdade que o falante têm de fazer uso das duas formas nos mais diversos contextos de fala.

A entrevista retirada do JH é um quadro que é exibido todos os sábados na maioria das vezes com artistas da própria emissora, no sábado do dia 26/05/12 em que selecionamos o vídeo foi uma entrevista com a atriz Marieta Severo, na qual ela falou de sua vida e carreira artística, podemos perceber que tanto a atriz entrevistada como a entrevistadora Sandra Annembergue estavam muito à vontade. Daí o fato de não se utilizar apenas da forma padrão. Como sabemos, esse gênero coincide com o escrito, mas o formato do jornal televisionado é diferente, mas ambos fazem revisão, sobretudo das entrevistas. Vejamos abaixo os trechos da entrevista:

EX. 6“Olha não 15 paginas, 30 peças, 34 filmes, 10 trabalhos de televisão, 12 anos só na grande família e ai a gente vira uma grande família né tem intimidade com Marieta.”

EX.7“Tudo que.....que minha comadre Andréa Beltrão e eu não somos é empresarias se a gente fosse não, que tinha que internar a gente porque ninguém monta um negócio que perde dinheiro. (JH, ENT, 26/05/12).

Como vemos, nesses trechos trata-se de uma entrevista mais descontraída como a própria jornalista afirma que tem uma intimidade com a entrevistada, assim explica-se o uso de uma forma não padrão como o *a gente*.

Já nos vídeos do jornal local o NE TV, selecionamos três reportagens duas delas tem uma característica de entrevista, pois se trata de um quadro chamado “Calendário do NE TV”, que é exibido uma vez por semana, o qual denuncia problemas sociais nas comunidades de Recife e Olinda. Nesse quadro, são realizadas entrevistas com moradores das comunidades e

com os responsáveis em solucionar os problemas dessas localidades. O primeiro vídeo selecionado trata-se de uma denúncia a respeito da falta de higiene em um mercado público da região de Jaboatão dos Guararapes cidade do Recife, nos trechos retirados dessa reportagem vemos o uso do *nós* e do *a gente* pelo apresentador do jornal e a variação *a gente* por parte do entrevistado, como podemos ver nestes trechos:

EX. 8“Quando a gente termina o trabalho aí a gente dá um grau tá entendendo pra deixar tudo limpo organizado a gente trabalha dessa forma.” (trecho do entrevistado)

EX. 9“Nós vamos continuar acompanhando e vamo aproveitar também, e dar uma data pra isso, pra que a gente possa voltar ao mercado de cavalheiro, 30 de março uma sexta-feira esse foi o prazo dado pela prefeitura e a gente vai lá pra ver o que aconteceu.” (trecho do jornalista) (NE TV, 28/02/12).

Dessa maneira podemos constatar que o uso dessas duas formas como também a substituição por *a gente* está ocorrendo tanto entre falantes cultos como não cultos. Isso se explica pelo fato de que no jornal televisionado existe a fala de outras pessoas que não fazem parte do domínio jornalístico, enquanto nas entrevistas publicadas no jornal escrito predomina a fala dos envolvidos nesse meio ou, mesmo que não sejam desse meio, em geral, os participantes têm conhecimento da norma prestigiada.

Além da forma *a gente* encontramos também as formas *pra gente* e *da gente*. Segundo Rafael (2010) a contração da preposição *de* com o artigo *a* do pronome de 1ªPP *a gente* é usada na função de pronome possessivo de 1ªPP expressando uma relação de alternância entre o pronome possessivo *nosso (a) (s)*. Como podemos observar no trecho retirado do Jornal Hoje.

EX. 10“Agora eu aproveito essa água mesmo que eu ferve a banana pra conseguir bater é só um pouquinho de água suficiente pra gente conseguir ter uma massa se não a gente não consegue bater.”

EX. 11“Bom chegou a hora da gente experimentar a biomassa e a gente percebe que quando esfria já começa a ficar consistente.” (JH, 26/05/2012).

Com base nesses trechos apresentados, vemos tratar-se de uma apresentação de uma receita, em que não é exigido um grau de formalidade entre os falantes, acreditamos que isso tenha favorecido o uso do *a gente*.

Com isso, percebemos que a relação do *nós* e do *a gente* com os pronomes possessivos “*nosso*” e “*da gente*” é de posse como vimos nos exemplos já citados, a respeito dessas formas e da alternância desses pronomes a autora aponta o seguinte:

De forma análoga, a expressão *a gente* não ficou restrita à posição de sujeito: passou a haver variação entre os pronomes *nos* e (*para/a* +) *a gente*, bem como entre *nosso* e *da gente*. Desse modo, para criar um paralelismo entre a relação atributiva de posse associada às formas *nós* e *a gente* com pronome ‘*nosso*’, o falante passa a se valer da expressão *da gente*. Diante disso, temos quatro combinações possíveis: *nós* e *da gente*, *a gente* e *nosso*; *a gente* e *da gente*. (RAFAEL, 2010, p. 40).

Lopes (1998 apud RAFAEL, 2010) afirma que “Há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico.” Isso indica que o falante faz uso preferencialmente do pronome *nós* ao se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. Dessa forma, o falante ao ampliar a referência, indeterminando-a, possibilita um maior favorecimento da forma *a gente*.

Nos gêneros escritos, mais especificamente na entrevista, vimos que a forma que predominou foi o *nós* tanto na fala do entrevistador como na do entrevistado. Já ao analisar os trechos de duas reportagens do NE TV, observamos que o *nós* e o *a gente* é usado tanto na fala dos entrevistados como dos entrevistadores como podemos ver nos trechos abaixo:

Trecho do repórter

EX. 12 “Então vamos marcar aqui no nosso calendário a data de 1ª de outubro pra voltarmos aqui a comunidade e conferirmos se a obra realmente começou, a gente vai deixar aqui o calendário com o José Mário Oliveira.” (NE TV, 31/05/12).

Trecho do entrevistado

EX 13 “Em alguns municípios a gente nem chegou a realizar a distribuição de sementes em outros como é o caso de Arcoverde nós providenciamos a distribuição, mas orientado o que o agricultor guardasse aguardando a chuva.” (NE TV, 23/05/12).

A partir dos dados coletados conseguimos confirmar a nossa hipótese de que na oralidade é mais comum o uso dessas duas formas, diferentemente do que ocorre na escrita em que predomina a forma *nós*, por ser considerada mais formal e representar a língua padrão.

Constatamos também que nos vídeos analisados principalmente do NE TV houve ocorrências do *nós* como sujeito oculto como podemos observar nesse trecho:

EX. “Não é de hoje que mostramos o problema, começamos em 2009 a situação era essa estruturas danificadas, comercio desordenado e sem as mínimas condições de higiene. Voltamos em 25 de agosto de 2009 e estava tudo do mesmo jeito.” (NE TV, 28/05/2012).

E como sujeito explícito, como em:

EX. 14“Nós entramos em contato com a URBE a Empresa de Urbanização do Recife que enformou que o projeto pra construção do muro de arrinho aqui no Alto do Pascoal está pronto.” (NE TV, 31/05/12).

O *a gente* também manteve a mesma posição que assumiu nos textos escritos, a posição de sujeito explícito, como em:

EX. 15“É muito demais, é tanto lixo que fica difícil de imaginar que volume é esse que a gente despeja todo ano no país.” (JH, 29/05/12).

Uma situação interessante de ser observada diz respeito à alternância das duas formas no mesmo contexto. Como sabemos, não é permitida pelo enfoque tradicional e não é bem vista em situações formais, já que se espera que, escolhida uma das formas, apenas ela seja usada até a conclusão do texto. Contudo, na oralidade essa mistura entre as pessoas é muito comum, mesmo em jornais, a GT não inclui no seu quadro pronominal a forma *a gente*, raramente em algumas gramáticas apenas menciona-se essa forma como representante da língua coloquial. Em nossos dados, podemos observar o uso das formas *nós* e *a gente* por parte dos jornalistas:

EX. 16“Nós entramos em contato com a URBE a Empresa de Urbanização do Recife que enformou que o projeto pra construção do muro de arrinho aqui no Alto do Pascoal está pronto.” (NE TV, 31/05/12).

EX. 17“É muito demais, é tanto lixo que fica difícil de imaginar que volume é esse que a gente despeja todo ano no país.” (JH, 29/05/12).

No segundo vídeo do NE TV e do JH, referente ao gênero entrevista, observamos tanto a ocorrência do *nós* como do *a gente*. No trecho retirado do NE TV, é feita uma entrevista a um agricultor a respeito das chuvas na sua região e da presente seca. Dai percebemos que este fez uso das duas formas, como podemos ver no trecho abaixo, trata-se de uma pessoa que não tem muita escolaridade, mas como já havíamos afirmado independente da escolaridade o falante faz uso das duas formas.

EX. 18“Graças a Deus nós estamos feliz no momento que a gente se encontra por conta da chuva que aconteceu essa noite por que as coisas não tava boa.” (NE TV, 26/05/2012).

Assim, da análise desses trechos podemos observar tratar-se de falantes de escolaridades diferentes, na entrevista do NE TV temos a fala de um agricultor que pelo trecho aparenta não possuir muita escolaridade, já na entrevista do JH a entrevistada aparenta ter mais um grau de escolaridade, mas mesmo assim, faz uso da variação *a gente*. Com isso,

constatamos que independente do grau de escolaridade e da posição social que o falante possui, fazem uso das duas formas analisadas nos mais diversos contextos sociais.

Considerações Finais

Neste presente trabalho, analisamos o fenômeno da variação linguística e a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente*. A análise está apoiada nas concepções teóricas de gramaticalização de Gonçalves (2007), e em Cunha e Cintra (2008), Castilho (2010), Azeredo (2010), Neves (2000) e Perini (2010). Inicialmente, apresentamos os estudos desses autores acerca dos pronomes, focalizando os pronomes pessoais, ressaltamos os estudos existentes a respeito do *nós* e do *a gente* e o fenômeno de gramaticalização

Com base nesses dados, pudemos constatar que dentro da modalidade escrita o falante tende a utilizar a forma mais prestigiada pela língua padrão o *nós*, deixando de lado à variação *a gente*. Observamos, que na oralidade o falante tende a utilizar as duas formas, mesmo em jornais que são tidos como formais é comum o uso da variação, seja em um contexto formal ou informal, pois como já sabemos independentemente do grau de escolaridade e de falantes cultos e não cultos, ambos fazem uso da variação.

Esperamos, assim ter cumprido com o nosso objetivo de mostrar a variação das formas *nós* e *a gente* nos textos jornalísticos escritos e orais, e de contribuir para a reflexão a respeito do uso da variação linguística, bem como para não discriminação no uso da norma estigmatizada.

Como sabemos, a variação costuma ser uma etapa de uma possível mudança linguística futura, podendo esta se confirmar ou não com o tempo. Identificar que há ou não ocorrência do *a gente* também em gêneros da modalidade escrita (normalmente, mais conservadora) poderia indicar se estamos diante de uma mudança em curso ou não; ou seja, o fato de encontrar um número elevado de ocorrências do *a gente* em textos escritos, entre estes, aqueles mais formais, nos levaria a pensar que a mudança está em curso.

Na nossa pesquisa, vimos através dos números e da maior frequência do pronome *nós* nos textos escritos que isso não ocorreu, então não há indícios de mudança, os resultados mostram tratar-se apenas de um caso de variação.

REFERÊNCIAS :

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 ed.- São Paulo: Publifolha, 2010.
- BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Porto Alegre, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*.- 5.ed.- Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FRANCESCHINI Lucelene. *O uso dos pronomes pessoais nós/ a gente em concórdia – sc*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires de. A interferência das variáveis semânticas. In.: MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 86-100.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2009.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; HERNANDES, Maria Célia Lima-. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. In.: GALVÃO, Vânia, Cristina Casseb- (orgs.); RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo... [et al.]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MUNIZ, Cleuza Andrea Garcia. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. Campo Grande, 2008.
- NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- RAFAEL, Noelma. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente e ‘nosso(a)(s)’ em uma abordagem sociofuncionalista*. Natal, 2010.

REFERÊNCIAS DOS TEXTOS USADOS

- AQUINO, Ruth de. Os homens que não amam as mulheres. O segredo das mulheres felizes, Rio de Janeiro, n. 720, p. 114, 2012.
- ANDRADE, Juracy. Nem só de turismo e bar. **Jornal do Comércio**, Recife, 14 jan. Opinião JC, p. 14.
- BALEIRO, Zeca. Sofisticação. O peso e a sua personalidade, São Paulo, n.2204, p. 98, 2012.

ELUF, Luiza Nagib. O Gênero que muda a linguagem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. Caderno A, p. 3.

GUZZO, JR. Número demais. Os filhos da inovação, São Paulo, n.15, p. 134, 2012.

SOUSA, Ana de. A cidade oculta. **Jornal do Comércio**, Recife, 14 jan. 2012. Opinião JC, p. 14.

LUFT, Lya. A formação do Brasil. Os filhos da inovação, São Paulo, n.15, p. 24, 2012.

LEÃO, Joca Sousa. Compre um navio. **Jornal do Comércio**, Recife, 14 jan. Opinião JC, p. 14.

NETTO, Antonio Delfim. É a indústria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. Caderno A, p. 2.

SCHUWARTSMAN, Hélio. Questão de interesse. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. Caderno A, p. 2.

JORNAL HOJE, 26/05/12 <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/marieta-severo-fala-sobre-carreira-casamentos-e-familia/1965225/>> acesso em: 26/05/12.

JORNAL HOJE, 26/05/12<<http://g1.globo.com/jornalhoje/videos/t/edicoes/v/biomassa-feita-de-banana-verde-faz-bem-para-o-intestino/1965148/>> acesso em: 26/05/12.

JORNAL HOJE, 29/05/12<<http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/sofa-e-um-dos-simbolos-do-descarte-indiscriminado-de-lixo/1968960/>> acesso em: 26/05/12.

NE TV, 28/02/12, <<http://globo.com/rede-globo/netv-1a-edicao/t/quadros/v/ha-3-anos-calendario-do-netv-1a-edicao-cobra-reforma-no-mercado-de-cavaleiro/1833739/>> acesso em: 23/05/12.

NE TV, 23/05/12<<http://globo.com/rede-globo/netv-2a-edicao/t/edicoes/v/chuva-da-terca-feira-enche-reservatorios-e-traz-alivio-temporario-no-interior-de-pe/1961096/>> acesso em: 23/05/12.

NE TV, 31/05/12<<http://globo.com/rede-globo/netv-1a-edicao/t/edicoes/v/moradores-de-barreiras-no-alto-do-pascoal-estao-aflitos-com-a-chegada-do-inverno/1972118/>> acesso em: 31/05/12.

ANEXOS

Anexo A: Artigo de opinião

Nem só de turismo e bar **Compre um navio**

Juracy Andrade

andrade2010@ig.com.br

Quando a gente se aposenta, fica com tempo bastante para se dedicar a atividades de que gosta mais. Há quem passe a viajar com maior frequência, revendo lugares de que gostou e conhecendo outros que não visitara antes. Outros ficam com mais tempo para jogar conversa fora e tomar umas nos bares da vida (bar, doce bar, prolongamento do bar). Eu, por exemplo, não tenho mais aquela disposição da maturidade, mas aixo esporadicamente no Scotch e no 8, na região portuária. No de Valdear Marinho, não dá mais; o bar desapareceu com o AVC e a morte dele, migou-irmão de Paulo Henrique Maíel, com muitas façanhas pra contar do tempo em que aprontava nas zonas do Pina e do Recife Antigo, junto com eu amigo Hugo da Peixa. Como moro em Aldeia, vou toda semana ao Zé do Mé, onde tramamos para salvar a pátria e aproveitamos para salvar também os Estados Unidos, pois faz parte da turma o americano-baiano-aldeense John Fryer, fundador da excelente Escola Internacional de Aldeia (EIA).

Mas nem só de turismo e bar vive um aposentado. Tem também quem gosta de ler, ouvir música e outras coisas mais cabeças, e ganha tempo de obra para fazê-lo. Agora no Natal, ganhei de Carlinhos, meu filho mais velho, um livro com todas as partes que compõem o monumental *A Recherche du temps perdu*, de Marcel Proust. De Gustavo, Paulo e Marcos, meus outros rebentos, também ganhei presentes suprimas. Vou levar algum tempo para traçar a obra proustiana, da qual conheço alguma coisa que li escondido dos padres,

quando era seminarista.

Palando em tempo para ler, vi recentemente uma crônica de Flávio Tiné, em *As boas lembranças da luta* (Giz Editorial), em que ele conta que prestou serviço militar no Recife, trabalhando no Almoarifado da Aeronáutica. Como a demanda desse serviço se concentrava nas primeiras horas da manhã, sobrava-lhe muito tempo para ler. Lembrei-me então do tempo que fiquei encafuado num quartel do Treze de Maio, em agosto de 1964, porque havia trabalhado pela conscientização do povo, o que não interessava ao governo de Washington, que patrocinara o golpe fazendo das Forças Armadas brasileiras tropas de ocupação em luta contra a sociedade. Tive tempo para ler quase todo *Sherlock Holmes*, que minha irmã Ruth me emprestou. Coisa mais pesada não dava para ler, pois era muita gente pra pouco espaço. Tinha uma cafua junto, para soldados subordinados, que passavam jornais para os “subversivos”. Tiné também foi em cana em 1964, mas no famoso Buque da Rua da União. Refugiado em Sampa e hoje aposentado, dedica-se a escrever crônicas leves e argutas sobre a Pauliceia Desvairada e outros temas. Eventualmente também no **Jornal do Comercio**.

Antes que este espaço chegue ao fim, parabênz os olindenses pela nova lei recém-promulgada, de iniciativa do vereador Marcelo Santa Cruz, que estabelece uma política municipal para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas de Olinda. Com mais luzes literárias, o olindense vai poder enxergar melhor “muito além do além das lendas”, como poetava Carlos Pena Filho.

• Juracy Andrade é jornalista

Joca Souza Leão

jocasouzaleao@gmail.com

“São seis tamanhos de manga para cada número de colarinho. Um deles, exatamente o seu.” Parecia uma grande ideia. E era. Se o sujeito tivesse pescoço grosso e braços curtos, tava resolvido. Se, ao contrário, pescoço de girafa e braços de chimpanzé, idem. Na medida. Sem precisar de ajuste. Tecido da melhor qualidade e corte moderno. Camisas Torre. Made in Pernambuco. Aqui, no bairro da Torre. Sucesso em todo o Brasil.

Enquanto a Torre tinha lojas próprias, maravilha. Quer dizer, mais ou menos. Loja pra vender um único tipo de produto e de uma única marca tem custo alto. E pouco fluxo. (“O segredo está no mix”, ensina meu amigo Germano Haiut que sabe das coisas). Por isso, a Torre passou a vender suas camisas em lojas de roupa masculina.

Número de colarinho vai de 36 a 46. Onze, portanto. Vamos dizer que um fabricante de camisa tirasse um pedido de cem camisas para cada número de colarinho. 1.100 camisas ao todo, certo? Certo. Desde que as camisas não fossem Torre. No caso da Torre, o pedido teria que ser de 6.600 camisas (1.100 x 6 diferentes tamanhos de manga). Haja estoque! A ideia parecia boa. E era. Um ovo de Colombo para o consumidor. E de avestruz para o lojista.

A Torre era uma potência. “Nunca pensei que ela acabasse! Tudo lá parecia impregnado de eternidade”, como a casa do avô do poeta Manuel Bandeira na Evocação do Recife. Mas a Torre não acabou por causa da camisa, não. Ora, nem pensar! A Torre era uma das maiores fábricas de tecido do País. A

Enquanto a Torre tinha lojas próprias, maravilha. Quer dizer, mais ou menos. Loja pra vender um único tipo de produto e de uma única marca tem custo alto

camisa, apenas um produto. Tiraram de linha e priu.

A fábrica e as vilas de funcionários e operários ocupavam praticamente todo o bairro. Tudo na Torre era da Torre. A cantina começou vendendo alimento apenas para os empregados. Mas eram tantos, que virou supermercado (“mercadinho”, como se dizia à época). O primeiro self-service do Recife. E a primeira rede de supermercados. Ai, claro, não apenas para os empregados: Comprebem.

Quando eu tinha 13, 14 anos, circulou um livreto que fez sucesso: *Um dia na vida de Brasília*. Já ao acordar, Brasília começa, sem saber, a pagar dividendos às multinacionais. Luz cana-

dense, escova e pasta americanas, pincel de barba com fio de náilon francês, leite de vaca alimentada com farelo americano, linha inglesa para pregar o botão da camisa (a mesma linha que boicotou e quebrou Delmiro Gouveia), cigarro anglo-americano, carro alemão, gasolina anglo-holandesa... E assim ia Brasilino ao longo do dia. Nada que consumia e comprava era brasileiro, tudo pagava “royalty a um trust estrangeiro”. “Isso é publicação comunista, financiada pelo ouro de Moscou”, diziam os liberais mal-humorados.

Ao sentar, ontem, para tomar o café da manhã, lembrei de Brasilino. E digo por quê. Um adesivo no mamão: Frutas Doce Mel. Fui ver na internet. É da Paraíba. “Ainda bem”, pensei. “É daqui, do quintal do vizinho.” E voltei à mesa. Mas não resisti. Fui ver rótulo de tudo: leite, café, geleia, manteiga, queijo, presunto, tudo, até açúcar, de fora. Nada de Pernambuco. Só Alagoas, São Paulo, Espírito Santo, Rio, Minas, Santa Catarina... E comprados em supermercados multinacionais ou paulistas.

Fui pros remédios. Todos paulistas. E comprados em farmácia cearense ou maranhense. Sentei pra ler os jornais e peguei os óculos. Comprados numa ótica que até outro dia era daqui; agora, paulista. Pra completar, faltou luz. Liguei pra Prontidão. Sabe onde atenderam? Salvador, Bahia.

Somos brasilinos, por assim dizer, ao quadrado. Quando não pagamos royalties às multinacionais, pagamos às multiestaduais.

Se você quiser comprar algo made in Pernambuco, compre um navio. E pague royalty à Coreia.

• Joca Souza Leão é cronista

O gênero que muda a linguagem

LUIZA NAGIB ELUF

Há poucos dias, recebi uma mensagem via internet contendo um comentário assinado por uma pessoa que eu desconheço. Ela criticava as feministas e o governo em geral. A razão era o fato de Dilma Rousseff preferir ser chamada de presidenta.

Dizia o e-mail que a palavra presidenta não existe, assim como não existem estudante, adolescente, paciente e sorridente. Por essa razão, Dilma não teria o direito de "violentar o nosso pobre português apenas para ficar contenta" (sic).

Esse comentário infeliz vem sendo secundado por alguns incautos, que, por não conhecerem o vernáculo ou acharem engraçado o texto, repassam o seu conteúdo aos seus amigos e amigas.

Mas é bom deixar claro que nada há de errado no termo presidenta, assim como são corretas as palavras governanta e parenta, dentre outras que fazem o feminino de substantivos com o sufixo "ente" ou "ante" usando "a".

O Aurélio define presidenta como "a mulher que preside". Além desse, outros dicionários da língua portuguesa consignam o verbete, acrescentando que também pode significar "a mulher do presidente".

Dicionários à parte, é preciso lembrar que os postos de poder sempre primaram pela nomenclatura no

Não há nada de errado com o uso do termo presidenta, ele já é reconhecido pelos dicionários da língua portuguesa há muitos anos

masculino. É claro. Se mulheres não podiam assumir cargos de comando por imposição patriarcal, a linguagem secundava essa exclusão, eliminando as designações desses postos no feminino.

Não faz muito tempo, as magistradas pioneiras em suas carreiras assinavam seus nomes e acrescentavam embaixo "juiz de direito".

Da mesma forma, algumas pioneiras do Ministério Público também registravam seus cargos apenas no masculino. Embora o nome fosse de mulher, abaixo dele constava "promotor de Justiça". A justificativa, que não mais se sustenta, era que esses cargos haviam sido criados por lei apenas no masculino.

É incrível a dificuldade que certas pessoas têm para perceber o sistema de dominação embutido na linguagem. As regras gramaticais não brotaram do nada, elas têm um histórico secular que pretendeu tornar a mulher irrelevante, a ponto de deixá-la invisível.

Assim, em português e em outras

línguas europeias, o masculino é sempre dominante. Por exemplo: "o leitor", representando todos os leitores e leitoras; e "o homem", representando toda a humanidade.

Mas o mundo mudou, e a linguagem precisa acompanhar essa mudança. É nesse particular que Dilma incomoda os conservadores: ela torna evidente que seu cargo é ocupado por uma mulher.

O linguajar se presta a definir quem é superior e quem é subalterno, quem é importante e quem é irrelevante, quem deve ser ouvido e quem merece ser ignorado, quem tem autonomia e quem precisa obedecer. Dessa forma, ele molda a nossa maneira de ser e de pensar.

É intrigante a resistência em atender à vontade de Dilma de ser chamada de presidenta, sabendo-se que o termo no feminino já se encontra reconhecido nos dicionários da língua portuguesa há longos anos, portanto muito antes de termos a primeira mulher a comandar o Brasil.

Para nós, é da maior importância termos a presidenta que temos. Ela não é apenas mulher, ela valoriza a condição feminina.

LUIZA NAGIB ELUF, 56, é procuradora de Justiça do Ministério Público de São Paulo. Foi secretária nacional de Cidadania e é autora de livros como "A Paixão no Banco dos Réus" e "Matar ou Morrer - O Caso Euclides da Cunha" (ambos pela editora Saraiva)



HÉLIO SCHWARTSMAN

Questão de interesse

SÃO PAULO - O administrador público deve agir com base em considerações racionais e justificáveis ou tomar decisões levando em conta seu apelo popular? Quem defende a primeira opção pode ralar com o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (PSD).

Por causa do desabamento de três prédios no Rio de Janeiro, Kassab resolveu pedir à Câmara que derrube o veto que ele próprio impusera, em 2009, a um projeto de lei que obriga os proprietários da maioria dos prédios da cidade a apresentar laudos de segurança estrutural a cada cinco anos.

A deliberação faz tanto sentido quanto cancelar uma viagem de avião após ler notícias sobre um desastre aéreo. Acidentes e barbeiragens de vez em quando acontecem, mas não se pode perder de vista o quadro geral: aviões são um dos meios de transporte mais seguros que existem.

De modo análogo, a maioria das edificações paulistanas não vai ruir da noite para o dia, mesmo que uma ou outra possa ocasionalmente fazê-lo, como se viu anteontem no ABC.

Aprimorar a segurança é sempre positivo, mas não a qualquer custo.

Assim como não faria sentido reduzir a velocidade máxima dos carros a 10 km/h para reduzir as mortes no trânsito, é complicado impor a todos os donos de prédios a obrigação de contratar vistorias quinquenais.

Como um laudo desses não sai por menos de R\$ 4.000, estamos falando de uma nova despesa de R\$ 800 anuais —um verdadeiro trenzinho da alegria para os escritórios de engenharia. Pergunto-me até se teriam condições de atender à demanda. Pelo projeto, depois que a lei for promulgada, dezenas de milhares de prédios com mais de cinco anos teriam apenas 365 dias para fazer a primeira vistoria.

Quem quiser mais razões para rechaçar a proposta, leia a justificativa de veto apresentada por Kassab há três anos, na qual ele elenca inconstitucionalidades, ilegalidades, impropriedades técnicas, além de descompasso com o interesse público. Em qual Kassab devemos acreditar?

helio@uol.com.br

ANTONIO DELFIM NETTO

É a indústria...

Em relação à política industrial ("Brasil Maior"), acreditamos que é razoável exigir cuidado sobre como executá-la num ambiente globalizado em que os produtos devem ser "mundiais" e cada país tenta criar uma plataforma de exportação. O que não é razoável é condenar, "a priori", qualquer política industrial apoiada na "teoria do equilíbrio geral", da qual não se pode extrair conclusões normativas.

Há um estado de guerra econômica entre três parceiros importantes, os EUA, a eurolândia e a China. Cada um deles usa como arma políticas industriais explícitas ou veladas, apoiadas na manipulação de suas taxas de câmbio.

Os EUA e a eurolândia utilizam suas políticas monetárias, e a China surfa uma espécie de "dollar standard", arbitrando a fixação de sua taxa à americana. Isso acabará num massacre do setor industrial dos países emergentes pela consequente tendência à valoriza-

FERNANDO RODRIGUES



A formação do Brasil

Sempre me preocupam posições aleatórias ou radicais, com ou sem fundo ideológico, com respeito à formação étnica e cultural do Brasil (ainda existe realmente o ideológico, ou tudo é jogo do grande partido do PIP, o Partido do Interesse Próprio, que às vezes parece ser o preponderante neste país?). Temos oficialmente o Dia do Índio e o Dia do Negro. Divulgam-se e se promovem programas, disciplinas, mil atividades quase sempre relacionadas ao índio e ao negro. Mais do que justo. O primeiro, porque foi o morador desta terra, quando aqui chegamos e o destruimos. O segundo, porque com seu sangue, sofrimento e trabalho duro construiu parte disso que somos e provou que não somos nada santos, pois tínhamos escravos — como boa parte do mundo tinha, incluindo tribos africanas e povos dos mais variados que, vergonha, opróbrio, escravizavam grupos vencidos em guerras.

Esse triste capítulo passou. Deixou marcas, como todos os males deixam, mas estamos tra-

“A gente quer a sensação não apenas de ser brasileiro, amar este país complicado, e lutar por ele, mas de ter isso reconhecido de uma forma mais clara e melhor”



balhando, eu acho, num país com menos preconceito e mais respeito pelas diferenças, sejam quais forem. Diga-se de passagem, o preconceito pode ser de gênero, de etnia, de classe social, com mão dupla ou várias mãos. Cansei de ouvir dizer que “os brancos de olhos azuis” não querem o bem deste país. O que pode ser mais discriminatório?

Porém, eu gostaria que houvesse mais disciplinas, festejos, ensinamentos, referências aos outros povos e raças que nos fizeram. Os portugueses, italianos, alemães, japoneses, árabes, poloneses, judeus, e tantos mais, sobretudo aqueles que nos povoaram, fizeram crescer, que nos civilizaram e ainda sustentam com suor, trabalho — e às vezes lágrimas — até o dia de hoje. Que nos tornam esse país vasto e, contra-

ditório, problemático, pré-adolescente, que ainda somos — com todos os encantos e disparates que essa fase da vida costuma oferecer.

E gostaria que não só pequenas comunidades em cidades grandes ou no interior comemorassem a cultura de determinados grupos, mas que isso fizesse parte da agenda oficial. Por que não o Dia do Alemão, do Judeu, do Árabe, do Italiano, por exemplo? Do Polonês ou do Português, por exemplo? Pois todos merecem, todos contribuem igualmente, todos à sua maneira foram sacrificados, às vezes vilipendiados, não entendidos. Todos sofreram. Meus antepassados, já escrevi isso mais de uma vez, vieram da Alemanha há quase 100 anos, passaram privações inimagináveis em navios, embora não acorrentados. Foram convocados para povoar, no meu caso, uma região bem aqui no sul do Brasil, onde foram largados de mãos vazias de recursos e ouvidos cheios de promessas não cumpridas. Receberam umas poucas ferramentas, nada mais. Enfrentaram tribos hostis, animais ferozes, natureza e clima estranhos, doenças desconhecidas e isolamento devido ao idioma. As criancinhas morriam em quantidades assustadoras, os doentes eram tratados com chás e orações, pequenos cemitérios cresciam como cogumelos.

Aos poucos mandaram buscar mais pessoas, médico, pastor, padre, professor, e foram-se construindo casas, povoados, vilas, hoje florescentes, cidades de todos os tamanhos. Apesar das dificuldades da língua, foram-se aclimatando, e se consideram tão brasileiros quanto eu, de cinco ou mais gerações nesta terra amada. Isso deve merecer consideração especial.

Escrevo isso como poderia escrever se tivessem antepassados japoneses ou árabes, judeus ou italianos. A gente quer a sensação não apenas de ser brasileiro, amar este país complicado, e lutar por ele, mas de ter isso reconhecido de uma forma mais clara e melhor. Vamos aprender danças e rituais indígenas, comidas e cultos e palavras africanas, mais do que certo: pois somos resultado e mistura de tudo isso. Mas vamos, então, ter outras datas, referências, homenagens e aprendizados mais amplos e mais justos sobre as culturas e etnias que igualmente nos formaram como somos hoje, e vão continuar, cada uma do seu jeito e no seu ritmo, promovendo o país com que tanto sonhamos, onde todos têm hora, voz e vez garantidas e apreciadas.

LYA LUFT
é escritora



Gustavo

Loschpe

A utopia sufoca a educação de qualidade

Um dos males que assolam nossa educação é a esperança vã de pensadores e legisladores de que uma escola que mal consegue ensinar o básico resolva todos os problemas sociais e éticos do país. Eles criaram um sistema com um currículo imenso, sistemas de livros didáticos em que o objetivo até das disciplinas científicas é formar um cidadão consciente e tolerante. Responsabilizaram a escola pela formação de condutas que vão desde a preservação do meio ambiente até os cuidados com a saúde; instituíram cotas raciais e forçaram as escolas a receber alunos com necessidades especiais. A agenda maximalista seria uma maneira de sanar desigualdades e corrigir injustiças. O Brasil deveria questionar essa agenda.

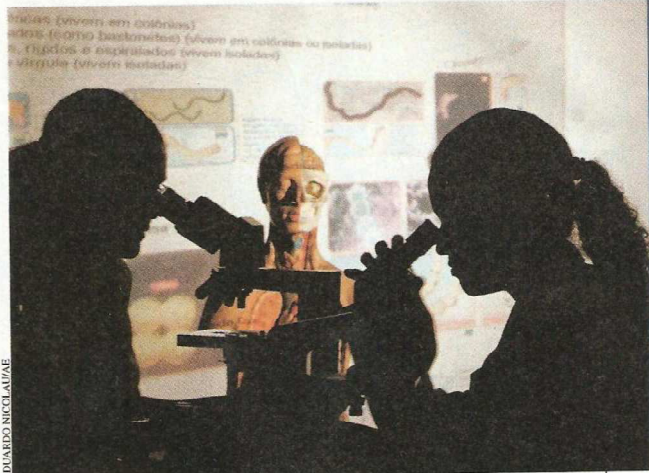
“

Se a diferença que mais impacta a qualidade de vida das pessoas é a de renda, e se a fonte principal de renda é o trabalho, então precisamos de um sistema educacional que coloque ricos e pobres em igualdade de condições para concorrer no mercado de trabalho

”

Primeira pergunta: nossas escolas conseguem dar conta desse recado? A resposta é, definitivamente, não. Estão aí todas as avaliações nacionais e internacionais mostrando que a única igualdade que nosso sistema educacional conseguiu atingir é ser igualmente péssimo. Copiamos o ponto final de programas adotados nos países europeus sem termos passado pelo desenvolvimento histórico que lhes dá sustentação.

Segunda pergunta: esse desejo expansionista faz bem ou mal ao nosso sistema educacional? Será um caso em que mirar no inatingível ajuda a ampliar o alcançável ou, pelo contrário, a sobrecarga faz com que a carroça se mova ainda mais devagar? Acredito que seja o último. Por várias razões. A



AS AULAS DE CIÊNCIAS e as de português e matemática são as que vão fazer diferença positiva na vida dos jovens quando eles chegarem ao mercado

primeira é simplesmente que essas demandas todas tornam impossível que o sistema tenha um foco. Perseguir todas as ideias que aparecem — mesmo que sejam todas nobres e excelentes — é um erro. Infelizmente, a maioria dos nossos intelectuais e legisladores não tem experiência administrativa, e acredita ser possível resolver qualquer problema criando uma lei. No confronto entre intenções e realidade, a última sempre vence. A segunda razão para preocupação é que, com uma agenda tão extensa e bicéfala — formar o cidadão virtuoso e o aluno de raciocínio afiado e com conhecimentos sólidos —, sempre é possível dizer que uma parte não está sendo cumprida porque a prioridade é a outra: o aluno é analfabeto, mas soli-

dário, entende? (Com a vantagem de que não há nenhum índice para medir solidariedade.) E, finalmente, porque quando as intenções ultrapassam a capacidade de execução do sistema o que ocorre é que o agente — cada professor ou diretor — vira um legislador, cabendo a ele o papel de decidir quais partes das inatingíveis demandas vai cumprir. Uma medida que deveria estimular a cidadania tem o efeito oposto: incentiva o desrespeito à lei, que é a base fundamental da vida em sociedade.

Terceira pergunta: mesmo que todas essas nobres intenções fossem exequíveis, sua execução cumpriria as aspirações de seus mentores, construindo um país menos desigual? Eu diria que não apenas não cumpriria esses objetivos como iria na direção



J.R.
Guzzo

Número demais

A revista *The Economist* tomou algum tempo atrás uma decisão muito interessante: decidiu que não iria mais publicar nenhum número oficial fornecido pelas autoridades econômicas da Argentina. O motivo é que não dá para acreditar, há anos, em quase nenhum dado que vem do governo argentino. Seus números são patentemente suspeitos, ou incoerentes, ou incompreensíveis — ou pura e simplesmente falsos. Publicar para quê, se no fundo é tudo mentira? Para a Argentina, obviamente, tanto faz. Seus governantes vão continuar fabricando e divulgando as cifras que bem entenderem, sem a mais remota preocupação com o fato de que a revista inglesa não acredita neles; é duvidoso, por sinal, que estejam interessados em saber se os próprios argentinos acreditam ou não naquilo que dizem. Os jornalistas da *Economist*, de qualquer forma, deixam de perder seu tempo tentando encontrar algum nexo nos dados econômicos da presidente Cristina Kirchner. Toda a imprensa mundial, na verdade, talvez fizesse um bom negócio se deixasse de dar tanta atenção às cifras econômicas que saem de dentro dos governos, da Argentina e de muito país levado a sério por este planeta afora. É, realmente, um mundo de trevas. Se Dante resolvesse acrescentar mais um círculo aos nove que colocou no inferno de sua *Divina Comédia*, é possível que esse décimo patamar ficasse reservado às estatísticas oficiais.

“

Se Dante acrescentasse mais um círculo aos nove que colocou no inferno de sua *Divina Comédia*, ele seria reservado às estatísticas oficiais

”

O Brasil, felizmente, parece que não tem, com os seus dados oficiais, problemas equivalentes aos da Argentina. Mas teria, com certeza, um bom lugarzinho reservado na fornalha infernal mencionada aí acima. Quem, fora do governo, ou mesmo dentro dele, consegue desembaralhar a numeralha que Brasília faz desabar quase todo dia, sem dó nem piedade, em cima deste país? Não dá. Os números saídos do governo misturam dinheiro que ainda não existe com dinheiro que já não existe mais. Somam parafuso com mandioca e obtêm, no total, sandália havaiana. Desafiam a matemática de Euclides. Podem revogar a regra de três e a prova dos nove, ou transformar raiz quadrada em

raiz redonda. Sabe-se da existência, na matemática, dos números irracionais; parecem ser os preferidos dos nossos burocratas. Há uma confusão contínua de verbas federais que reencarnam como estaduais ou municipais — ou fazem a viagem ao contrário, ou, então, transitam de um lugar para outro sem que se saiba nunca onde realmente estão, ou sequer se existem. O bom-senso, em todo esse processo, acaba sempre ficando como “opção inválida”. Pascal em pessoa, se lhe jogassem em cima a maçooca de cifras usinadas pelo governo, iria esquentar a cabeça por um tempo e, ao fim, diria algo assim: “Quer saber? Não entendi nada desse negócio aqui”.

Essa confusão toda, naturalmente, não é neutra. Tira-se grande proveito dela, e não é preciso chamar nenhum prêmio Nobel para deduzir que o grande beneficiário da confusão é quem a produz — o próprio governo. Uma das suas ferramentas preferidas é o PAC, esse monumento de classe mundial na arte de engambelar o público com números oficiais. Num artigo recente na *Folha de S.Paulo*, e para ficar num exemplo só entre dezenas de outros, o senador Aécio Neves observou que o PAC inclui, como investimento do governo, 75 bilhões de reais devidos ao financiamento de imóveis. Em português claro, isso quer dizer o seguinte: o dinheiro que o cidadão está tirando do próprio bolso, para pagar as prestações do imóvel que comprou, é contado em Brasília como verba aplicada pelo governo em obras do PAC. O resultado é um angustamento em que se ouve muita gente boa dizer, por exemplo: “Uma coisa não se pode negar: o governo está investindo um colosso em habitação. Nisso a Dilma é craque”. O que sobra, no nevoeiro fechado das cifras que vêm lá de cima, é a impressão de que o governo não sabe o que está falando, a imprensa não sabe o que está publicando e a população não sabe o que está acontecendo. É o Brasil para todos.

Nós estamos num estado comparável apenas à Grécia: a mesma pobreza, a mesma indignidade política, a mesma trapalhada econômica, a mesma baixa de carácter, a mesma decadência de espírito. Nos livros estrangeiros, nas revistas, quando se fala de um país caótico e que, pela sua decadência progressiva, poderá vir a ser riscado do mapa da Europa, citam-se, em paralelo, a Grécia e Portugal.

Quem escreveu as linhas acima foi Eça de Queiroz. Data de publicação: 1872, em *As Farpas*. Gênio, entre outras coisas, é isso: está quase sempre com a razão, mesmo 140 anos depois.

Zeca Baleiro

Última Palavra

SOFISTICAÇÃO

A ideia de sofisticação perpassa toda a vida moderna. Em tudo hoje há esse ideal de sofisticação. Pois quando você recebe um telefonema de um operador de telemarketing e ele lhe avisa que “vai estar lhe enviando a fatura, etc.,” ele está imaginando ser mais sofisticado do que se lhe dissesse simplesmente “vou lhe enviar a fatura...”. Quando o atendente da lanchonete ou da loja se aproxima e diz “meu nome é Carlos, estou aqui para ajudá-lo no que precisar”, é sofisticado o que ele pretende ser. Quando o dono da casa de galetos a batiza de “Galeria”, é sofisticação o que ele quer sugerir com esse nome. Que suburbano seria se pintasse na fachada “vende-se galetos”, não?

Sim, quase nunca é um ímpeto natural, espontâneo. Há um treino para tornar os prestadores de serviço gentis e, mais que gentis, “sofisticados”. Cardápios de restaurantes são também um bom termômetro desta busca desenfreada (e nem sempre honesta) pelo ideal de sofisticação e fitness. Não basta descrever o prato como ele de fato é, há que dourar a pílula, digo, a receita. Não basta ser um filé-mignon, não, muito básico. Tem que ser um filé orgânico maturado em vinha de alhos hidropônicos colhidos durante a primavera (de preferência por crianças africanas, para que, além de sofisticado, tenhamos um toque humanitário também). A salada também não pode ter um simples tomate plantado em Atibaia. Não. Tem que ser um tomate especial, geneticamente transformado, irrigado por águas da serra, plantado em solo adubado com argila indiana, etc., etc., etc.

Também na seara da indústria cultural, há alguns pequenos truques de transformar o “simples” em



Há um treino para tornar os prestadores de serviço gentis e, mais que gentis, “sofisticados”

Próximos colonistas



Ricardo Amorim



Ana Paula Padrão



Márcia Cabrita

“chique”. Quando a música dita sertaneja surgiu com toda força no final dos anos 80, seus ícones exibiam visual pop ou rock-n-roll. Não parecia ser mera coincidência a semelhança entre os cabelos de duplas como Chitãozinho e Xororó com os cabelos de Siouxsie and The Banshees e outras bandas new wave dessa década.

A diva caipira Inezita Barroso declarou, em recente entrevista, que o rótulo sertanejo foi adotado por conta da vergonha que as duplas tinham de assumir o termo “caipira”, mais genuíno, diz ela. “Sertanejo remete mais ao Nordeste que ao interior de São Paulo. Ninguém fala ‘vou pro sertão de Jundiaí!’”. Grande Inezita!

Depois houve o tempo do forró universitário, febre que assolou o Brasil, especialmente São Paulo. Mais um truque previsível, afinal o forró estava para sempre associado à rudeza nordestina, era música de “baiano”, coisa de “paraíba”, não era música de bacana. Mas eis que um gênio marqueteiro qualquer (há muitos por aí), em sua oficina de truques geniais, deve ter pensado: “Se colarmos uma palavra chique à palavra forró, hummm, deixe-me pensar: eureka! ‘Forró universitário’, claro!”. E assim a cruz de Duda Mendonça com André Midani fez o seu golaço.

Há poucos anos, com o surgimento de novas duplas, nem tão “sertanejas” assim, tomou-se emprestada a alcunha e assim surgiu o “sertanejo universitário”, nova febre musical que hoje domina a cena nos quatro cantos do País. Espera-se para breve o “pagode universitário”, a “gafeira acadêmica” e o “brega de vanguarda”, quem sabe.

Zeca Baleiro é cantor e compositor



Walcyr Carrasco

A exposição da intimidade

Sempre me surpreendo como hoje em dia as pessoas têm coragem de exhibir a intimidade. Como têm prazer em se expor. Talvez eu seja conservador. Não entendo o motivo pelo qual o ex-jogador Edmundo e o promotor David Brazil posaram, no último Carnaval, para fotos simulando coito anal. Vestidos, friso bem. Ninguém pense que se tratou de uma saída do armário de Edmundo. Pelo contrário, ainda deu uma declaração para lá de preconceituosa. Disse que já fez muito sexo com homossexuais, mas que não é um deles porque sempre foi o homem da relação. (Para ser franco, estou “traduzindo” a frase. Foi muito, muito mais chula.) A troca do que alguém se presta a esse papel? Talvez seja a saudade dos tempos em que era glorificado quando entrava em campo. Voltar a sentir o gosto da fama para quem já não está na constelação dos famosos pode ser uma explicação. Não é a única. O que levaria Brad Pitt, astro consagrado, a declarar, como fez recentemente no programa *CBS this morning*, nos Estados Unidos:

– Angelina (*Jolie*) é uma garota malvada na intimidade. Deliciosamente malvada.

A imprensa passou dias comentando que o casal é “quente”... Atores que ganham milhões de dólares por filme e estão em todas revistas do mundo precisam disso?

Talvez a ex-BBB Mayra Cardí precise. Falou sobre o uso de acessórios eróticos na rádio FM O Dia. Lembro que fiz uma reportagem sobre um dos primeiros sex shops abertos em São Paulo. Faz um tempão. Na época, quem frequentava sex shops era discreto. Acho que na intimidade tudo é válido. Antes, intimidade era intimidade. Ou seja, algo que acontecia dentro de uma relação. Poderia ser a troca de segredos entre amigos, simplesmente. As conversas entre pais e filhos. A loucura de um encontro sexual. Ou o cotidiano de um amor. Algo privado, relacionado somente com os envolvidos. Para muitos, a base do amor. A palavra intimidade era sempre associada a delicadeza.

Há quem até venda seus momentos mais particulares. Tornou-se comum a negociação entre atores famosos e patrocinadores nos festejos importantes. Uma atriz conhecida ganhou a festa de casamento inteira para dar exclusividade a uma publicação. Tudo bem, todo mundo tem direito de fazer negócios. Mas o casamento não deveria ser um momento único, de emoção? Ao contrário, recentemente um ator conhecido separou-se de uma estrela de televisão. Lamentava-se:

– Já tínhamos acertado a viagem para Veneza, onde seria o noivado! Tudo patrocinado! E tivemos de voltar atrás!

Festas pessoais com patrocinadores já se tornaram comuns. Para muitos famosos, ou em ascensão, desvendar a intimidade faz parte do jogo. Trata-se da famosa permuta. É tão comum que o apresentador Otávio Mesquita certa vez se saiu com esta frase afiada:

– Não posso ter mais filhos!

– Que aconteceu?

– O ginecologista da minha mulher não faz mais permuta.

Rimos. Debochava de seus pares, que vivem quase exclusivamente do escambo entre a fama e tudo o que é de graça, de restaurantes a cirurgões plásticos.

A exposição da vida pessoal tornou-se tão comum que se estranha quando alguém é diferente. A atriz Carolina Dieckmann chegou a ganhar fama de chata por se rebelar contra o programa *Pânico na TV*, então na Rede TV, em 2006. Carolina recusou-se a participar de um quadro chamado “Sandálias da humildade”. Os repórteres do programa foram a seu condomínio de megafone e com um guindaste, com a intenção de gravar através da janela de seu apartamento. A atriz entrou com um processo – e venceu. Não pode mais

ser abordada pelos repórteres do programa. Carolina tem o direito de preservar sua vida pessoal. Chegaram a acusá-la de reacionária, de querer a volta da censura. Talvez por ter ido contra a maré. Já que muitas de suas colegas no mundo luminoso das estrelas divulgam cada início de namoro, as crises, o fim e, é claro, o recomeço, com novo eleito. Só falta descreverem a cor das cuecas e da lingerie. Quem sabe ninguém ainda perguntou. Toda pessoa tem o direito de defender sua privacidade, seja famosa ou não. E de não expor a família e a vida.

Uma das mais conhecidas frases do teatrólogo Néelson Rodrigues é: “Se todos conhecessem a intimidade sexual uns dos outros, ninguém cumprimentaria ninguém”. Está se tornando ultrapassada. Ninguém mais se assusta com a intimidade, principalmente dos famosos. Tornou-se uma forma de atrair os holofotes sobre si. E me assusto ao pensar no que ainda vem por aí. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão



Ruth de Aquino

Os homens que não amam as mulheres

Pode parecer incrível para muitos de nós, que vivemos em harmonia negociada com o outro sexo. Mas, no século XXI, ainda existe ódio sexista, latente ou escancarado. O que aconteceu na semana passada com a publicitária paulistana Renata Gervatauskas, de 35 anos, é um triste exemplo disso. Renata escreveu um post para o blog Mulher 7x7, em época.com.br. Contou ter desistido de um namorado potencial ao escutar dele: “Só falta dizer que lava, passa e cozinha bem. Vai ser a mulher perfeita. Ai, eu caso”. Ela não gostou da “brincadeira”. Eu também não gostaria. Acharia o cara um bobo.

Em seu texto, Renata defende a licença-paternidade por seis meses, concedida recentemente no Brasil pela primeira vez a um homem que perdeu a mulher no parto. É um precedente positivo, escreve Renata: “A gente ainda confunde o instinto materno com a obrigação de cuidar sozinha das crias”. A reação da maioria dos homens internautas foi um ataque pessoal, na tentativa de humilhar as mulheres em geral. “Foi um festival de ofensas gratuitas, que serviu como espelho de uma sociedade doentia”, disse ela.

Um internauta escreveu: “Feminismo já é um lixo social, se exagerado então fede”. “Aprendam, animais”, escreveu outro. “Vocês jamais irão se igualar aos homens. Perguntem às mães solteiras e independentes de hoje, que têm por volta de 35 anos, se elas não mudariam o jeito f... e independente delas se pudessem voltar no tempo. Nós, homens, não queremos resto dos outros. Nós queremos mulheres que nos respeitem como líderes do lar.”

“Qual é o problema de a mulher de hoje fazer tarefas domésticas que o restante fez ao longo de toda a história da humanidade?”, pergunta um outro. “Vocês reclamam de barriga cheia. As mulheres não tinham máquina para lavar roupas, esfregavam tudo na mão mesmo e não reclamavam da dependência dos seus maridos, porque elas sabiam bem do papel destinado a elas. Vocês hoje só têm o trabalho de colocar sabão em pó e depois colocar a roupa no varal. Feministas: vão tomar no olho do c...”

Esses comentários, alguns feitos na covardia do anonimato e outros assumidos com o próprio nome, não fazem jus à maioria dos homens atuais, que desejam casar com uma mulher inteira e educar os filhos plenamente. Mas o ódio nessas reações explica o absurdo número de estupros, a violência doméstica, o assédio moral, ainda hoje. Explica as Eloás da vida.

Sou contra a vitimização das mulheres. Não acho as mulheres mais tristes que os homens – embora a gente reclame mais. Talvez tenhamos nos acostumado a perceber que nada cai de graça no nosso colo. Precisamos reivindicar, refletir e discutir. Não acho que o feminismo tenha traído a nenhuma de nós. Movimentos de emancipação trazem conquistas, não são um manual de felicidade, mas de liberdade. Liberdade para escolher o que é melhor para cada uma. Não somos um “bloco” homogêneo. O risco é traír a nós mesmas e aos homens, se continuarmos a criar nossas filhas como “princesinhas” e nossos filhos como “super-homens”. Esses papéis só existem na ficção, não cabem numa sociedade moderna, e definem, desde a infância, expectativas irreais para elas e para eles. Que geram frustração mais tarde.

Há 180 anos, em 1832, uma jovem do Rio Grande do Norte, Nísia Floresta Brasileira Augusta, de 22 anos, publicou *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. Ela casou aos 13 anos e abandonou o marido pouco depois. Voltou à casa dos pais. Sofreu com o estigma. Era fluente em várias línguas e instruída, num tempo em que mulheres no máximo sabiam ler e escrever. Teve dois filhos com um segundo companheiro. Um dos trechos de seu livro: “Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o

que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles, homens”.

Uma coisa é a mulher decidir ser mãe e dona de casa em tempo integral. Se assim é feliz, e seu companheiro também, parabéns. Sorte da mulher que, hoje, com recursos e instrução, pode decidir seu destino. Pode tentar ser bem-sucedida no trabalho, no amor e na família – um desafio duro, porém fascinante. Pode decidir quando engravidar. Pode decidir não ter filhos – e é o cúmulo que muitos a apedrejem por isso. Pode decidir não casar. Pode decidir se separar sem que a discriminem. Pode estudar, pode se apaixonar várias vezes, pode chegar à Presidência da República. É um desconsolo imaginar que ela ainda pode ser estuprada, discriminada, agredida e assassinada por homens que odiam as mulheres. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA raquino@edglobo.com.br

Anexo B- Carta do leitor

Recife | 14 de janeiro de 2012 | sábado

Sua opinião é muito importante.
Fale conosco:
(81)3413.6178
www.jconline.com

Editores de
Arnaldo Ca
Chico Port
Heudes Re
Fale conosco

voz do leitor

Entre em contato

@ pela internet
Mande seu e-mail e suas fotos para vozdoleitor@jc.com.br

☎ pelo telefone
Ligue para a Redação do jc:
(81) 3413.6178

✉ por carta
Envie suas cartas para a Rua da Fundação, 257, Santo Amaro

Cadê a água?

Gostaria de reclamar do descaso da Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) na Rua Margarida de Barros, em Sítio Novo, Olinda. Passamos cinco meses sem água, de abril a setembro, e quando disseram que a situação voltaria ao normal, a água só está chegando uma vez por semana e não passa nem duas horas.

✉ **Leonardo Bezerra**
leonardojbezerra@yahoo.com.br

Eles precisam

Recentemente, a mídia divulgou a imagem de uma senhora, Dona Sônia, no Rio de Janeiro, com uma filhinha de colo. Aquela senhora chorava copiosamente por ter perdido tudo com as últimas inundações que ainda acontecem naquela capital. Diante de tanta calamidade, lamentava não ter mais onde morar. Sua casa foi completamente destruída e só lhe restaram os benefícios da Defesa Civil. Será que os 52 ex-deputados pernambucanos beneficiados com o auxílio-moradia não se comoveram com aquela situação? É claro que não! Querem mais. Eles precisam.

✉ **Aracemiro Leite**

Denúncia



Ricardo Freitas/Voz do Leitor

Socioeducativas?

Escrevo para dizer do meu total apoio ao editorial de quinta-feira do **JC**. Me sinto na obrigação de escrever para dizer que infelizmente concordo que esta é a situação do nosso Estado. O texto, além de bem escrito, traz informações cruelmente reais e não podemos ficar calados diante de tal situação. Até quando nossos governantes vão ficar imóveis, diante de uma tragédia dessa? Aproveito, para lembrar que, entre as diferentes formas de prevenir que estas crianças cheguem nestas unidades, equivocadamente chamadas de socioeducativas, uma delas é melhorar, de verdade, as escolas públicas do ensino fundamental.

✉ **Ariani Impieri de Souza**
souza_ariani@hotmail.com

Fedentina

Venho, através deste conceituado jornal, denunciar um esgoto que corre a céu aberto na rampa do Campo do União, na Macaxeira, desde novembro. Moradores não suportam mais a fedentina. Será que ninguém toma uma providência?

✉ **Maria Galdino**
rigaldino@bol.com.br

Esgoto estourado em Casa Caiada

Prezados senhores, encaminho foto de extravasamento de esgoto na Rua Barão de São Borja, em Casa Caiada, por trás da Pedragon, em Olinda. A Compesa não soluciona o problema e nós sofremos por isso.

Funase

Atenção, autoridades! Até quando teremos que assistir a casos como este da Funase? Bandidos, superlotação. Será que estou falando de fatos existentes? Ou será ficção? Educação, segurança pública e saúde são prioridades e devem andar juntas para não vermos cenas fortes e desagradáveis como essas.

✉ **Cristiane Alves**
crisalves3@yahoo.com.br

Ordenamento

Apesar das obras de ampliação na Estrada da Batalha, as vias de acesso secundárias, em particular o trecho que começa na Avenida Barreto de Menezes e se estende até o terminal de ônibus de Cajueiro Seco, denominado Avenida Santo Elias, em Prazeres, sofre com a falta de um plano de ordenamento. Existem em sua extensão estacionamentos irregulares, cones e cavaletes delimitando espaços, falta de sinalização, calçadas obstruídas por mercadorias e pisos irregulares, levando constrangimento aos transeuntes e motoristas.

✉ **Leonilson Gomes**
silva.leonilson@gmail.com

Som alto

Perturbação e som alto à noite são recorrentes na casa de festas Leodenes Paulino Recepções, na Avenida Ministro Marcos Freire, em Casa Caiada, Olinda. Os moradores do prédio ao lado não podem mais dormir. Quase todas as noites o som é ligado nas alturas e a polícia nada.

✉ **Ana Elizabeth Medeiros**
lizerdem@gmail.com

Frase

“

O 0800 da Compesa é só para enganar o consumidor, pois ligamos para lá e eles nos dão um prazo de 72h que não é cumprido e nem nos dão satisfação. Gostaria de saber da companhia por que isso acontece.”

✉ **Ricardo Lemos** ricardolemosholanda@gmail.com

Faixa amarela e placa



Norma César/Voz do Leitor

Desrespeito é regra no trânsito do Recife

Parece que o cidadão recifense não conhece as placas de sinalização. Basta dirigir 10, 15 minutos pela cidade para chegar a esta conclusão. É desrespeito em todos os cantos da cidade. Cadê a CTTU e o Detran que não fiscalizam, nem multam ninguém? E pra piorar, isso acontece em horário comercial, atrapalhando a vida de quem insiste em respeitar as leis.

✉ **Norma César** normasc@hotmail.com

O JC ao seu lado

Hora de combater a falta de saneamento

Faço um enorme apelo ao governo do Estado de Pernambuco, para que contrate as mesmas pessoas que cuidaram da parceria público-privada (PPP) do Paiva para cuidar da PPP que vai enfim acabar com o problema da falta de saneamento em Pernambuco. É cômico, para não dizer trágico, que, no caso do Paiva, uma coisa que beneficia mais os ricos e

tratou-se de uma obra grande em um instante foi resolvida. No entanto, quando se trata de melhorar a vida dos que mais precisam e em uma obra que não aparece, pois vai ser subterrânea, até hoje a única coisa que temos é reunião para marcar reunião.

✉ **Fábio Junior da Silva**
fabiojrslva@oi.com.br

A Prefeitura do Recife está deixando o Parque da Jaqueira, na Zona Norte, se transformar na mesma bagunça de ambulantes em que já foram transformados o Centro da cidade e a Praia de Boa Viagem.

✉ **Alexandre A. R. Machado**
lonmac@ig.com.br

Finalmente

Depois de décadas no anonimato para o desenvolvimento do Estado, Goiana enfim brilha com o início das obras de terraplenagem do local onde ficarão as instalações da Fiat.

✉ **Valter Rocha**
valterrocha37@gmail.com

0 x 0 = 0

Foi publicado um flagrante da Praia de Candéias, sobre problemas de som e carros bloqueando o tráfego. A assessoria afirmou que haveria intensificação da fiscalização na orla. Até agora, nada aconteceu. Lógico, pois intensificar, multiplicar o zero dá zero. O caos continua, até pior.

✉ **Alexandra P. von Kostrisch**
apvkpsi@gmail.com

Taxistas

Em atenção à leitora Regina Lima, a CTTU informa que, em casos de má prestação de serviços, o usuário deve fazer a denúncia informando os dados do veículo, como número e placa, além de local e horário do ocorrido. Com essas informações, o órgão vai identificar o taxista, analisar se existem outras denúncias no histórico e tomar as providências: advertência, suspensão ou cassação da permissão.

✉ **Assessoria de imprensa**

PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens por e-mail (leitor@uol.com.br), fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900). A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Bahia

Não dá para entender? Onde estão o PT, o PSB, o PTB, o PC do B, o PSOL, o PCO e os outros que não se posicionam sobre a greve na Bahia? Esses mesmos que, quando incitavam e promoviam essas greves, acusavam as autoridades de serem ditatoriais, truculentas, injustas e tudo mais. O que é diferente agora? A incoerência é grande.

Os policiais precisam e devem ganhar mais. Contudo a obrigação deles é proteger a população que paga os impostos para mantê-los na ativa. Isso deve ser assim para os governos de direita, de esquerda ou de centro.

AUGUSTO CEZAR A. NETO (São Paulo, SP)



Para os PMs mostrarem a importância de seus serviços, haverá outra saída que não seja a greve? Sem o trabalho dos militares, a criminalidade aumenta muito, como podemos ver pelo que ocorre agora em Salvador. E, para cumprir essa árdua tarefa de enfrentar o perigo todos os dias, cara a cara, o que eles ganham simplesmente não vale a pena! A verdade é que, com o salário que recebem, é até difícil ter dignidade!

A paralisação promovida pelos policiais não é uma vergonha, como afirmam alguns. Vergonha são nossos parlamentares votarem aumento de salário — já altíssimo — para eles próprios.

MARINA SAD (Juiz de Fora, MG)

Aeroportos

De acordo com o leitor Maurício Nardi Jr. (Painel do Leitor, ontem), o pragmatismo do PT e da presidente Dilma é, na verdade, uma “correta avaliação dos ativos das estatais”. Avaliaram em R\$ 5,5 bilhões uma coisa que valia R\$ 24,5 bilhões. E ainda chamam a avaliação de correta!

tir de agora, qual será o discurso nas próximas campanhas eleitorais. Eles sempre demonizaram tudo o que quaisquer governos fizeram, porém, quando as ações são dos governos deles, elas são angelicais.

RICARDO PASCHOAL (São Paulo, SP)

Herzog

A boa história sobre o fotógrafo que fez a imagem do “suicídio” do jornalista Vladimir Herzog mostrou, mais uma vez, que o fato histórico e a verdade histórica só sairão do papel, dos fóruns, dos corredores acadêmicos e das negociações políticas com iniciativas ousadas e “abusadas” como essa (“Instante decisivo”, “Ilustríssima”, 5/2). Sempre acreditei que o caminho para “desvendar os mistérios” que cercam o período da ditadura militar só teria algum efeito por meio do jornalismo independente, sério, responsável e investigativo.

JURCY QUERIDO MOREIRA (Guaratinguetá, SP)

Fotografia

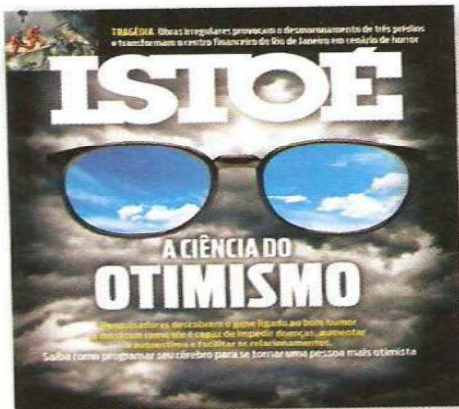
Quero agradecer a **Folha** pela belíssima foto que mostra o lindíssimo Malvino Salvador de sunga (Mônica Bergamo, 6/2). Fico extremamente cansada de abrir a “Ilustrada” e me deparar só com fotos de mulheres seminuas, de biquíni etc., sendo que, como mulher, gostaria de apreciar corpos masculinos e pensar que o machismo já está no fim. Obrigada pelo deleite, **Folha**. Se possível, publiquem com mais frequência fotos voltadas a nós, mulheres. Também merecemos!

MÁRCIA DE ANDRADE (São Paulo, SP)

Tablets

Só acho que o leitor Junios Paes Leme (Painel do Leitor, ontem), defensor dos tablets para juizes e desembargadores, poderia ampliar a defesa desse

Cartas



>> Capa

É de extrema importância que o otimismo esteja incorporado como pano de fundo na vida pessoal e profissional. Ele resgata o pensamento de que nossa existência é efêmera e, por isso,

devemos propagar o que há de melhor. Além de manter viva a reflexão: ser otimista não é ignorar problemas, e sim saber lidar com eles. “A ciência do otimismo” (ISTOÉ 2203).

Felipe Lucchesi
São Paulo – SP

Lembrar às pessoas que existe a chance de reconstruir aquilo que não deu certo da primeira vez é parte fundamental da ciência do otimismo. É comum se entregar ao sentimento de fracasso após uma tarefa sem êxito. Otimistas, porém, são capazes de desenhar perspectivas e enxergar as próximas oportunidades.

Alcydes Nunes dos Santos
São Paulo – SP

Embora estudos constatem que o cérebro dos otimistas funciona de maneira diferenciada, é interessante saber como estimular o comportamento para alcançar os sentimentos positivos no dia a dia. Com isso, exercitam-se os bons relacionamentos e mantém-se a autoestima sempre em alta.

Alice Sanchez
Rio de Janeiro – RJ

>> Imprudência

O desabamento dos prédios no Rio de Janeiro exige uma investigação minuciosa para apurar as responsabilidades e, assim, evitar que a tragédia se repita. Espera-se que o fato sirva de exemplo para que reformas em edificações sejam realizadas de maneira mais cuidadosa, principalmente em um momento em que a cidade vive uma significativa valorização imobiliária. “O preço da imprudência” (ISTOÉ 2203).

Uriel Villas Boas
Santos – SP

Cartas

Cariocas estão sofrendo com tragédias sequenciais em sua cidade: bueiros e cozinhas de restaurantes explosivos e desmoronamentos em decorrência das fortes chuvas. Espere-se que no caso da queda dos três prédios as autoridades não tardem em se posicionar.

Wilson Gordon Parker
Nova Friburgo – RJ

»» Brasil

A decisão da presidenta Dilma Rousseff de substituir José Sérgio Gabrielli pela engenheira Maria das Graças Foster, que tem fama de eficaz, parece ser acertada. A renovação do quadro, privilegiando a excelência técnica e ética, tem grandes chances de sucesso. “A Dilma da Dilma” (ISTOÉ 2203).

Diana Marília
Arenas
Foz do Iguaçu – PR

»» Economia

A escolha do tema debatido no Fórum Econômico

Mundial em Davos não poderia ter sido outra. Diante de prognósticos econômicos ainda mais negativos para 2012, discutir a criação de novos modelos para impulsionar o desenvolvimento dos países se revela uma medida emergencial. Resta saber se as lições de 2008 foram aprendidas pelos líderes globais. “Davos ocupada” (ISTOÉ 2203).

Carlos Lima Maronato
Brasília – DF

»» Política

A atriz Mariana Ximenes surpreende ao afirmar que a política não é um assunto que lhe causa estranheza e que deseja levá-la aos palcos. É de exemplos como esse que o País carece: uma mulher bonita, inteligente e com um ponto de vista sólido sobre diversos assuntos. “Entrevista” (ISTOÉ 2203).

Kubitschek Pinheiro
João Pessoa – PB

se em diversas minirregiões, apenas descentralizando o problema. “Os erros de Alckmin” (ISTOÉ 2203).

Luciano Duarte
Contagem – MG

Desabrigar 1,7 mil famílias que viviam em Pinheirinho para mostrar poder é prática repressiva. Assim como o que foi feito na Cracolândia. Esperava-se do governador, médico e religioso, que providenciasse

moradias para os desabrigados antes de tê-los colocados para fora de suas casas. Programas de recuperação para os usuários de drogas também se fazem necessários.

Wolf Magalhães
Belo Horizonte – MG

»» Televisão

A televisão brasileira atingiu o nível de tolerância máximo de seus telespectadores. O caso do suposto estupro levado ao ar pelo programa “Big Brother Brasil” demonstra falta de respeito com os limites da lei e da ética. Um conteúdo como esse, exibido em escala nacional,

é um estímulo à ignorância e à falta de cultura no País. “BBB no limite da lei” (ISTOÉ 2202).

Fernando Faruk Hamza
Rio de Janeiro – RJ

AEROTETO® ZETA FLEX
○ CONTROLE DO TEMPO EM SUAS MÃOS



Exclusividade Zetaflex

**A cobertura que abre e fecha.
Com policarbonato transparente
ou branco no modelo Superlux®.**

Os produtos Zetaflex cabem no seu orçamento!

0800.016.6000 ZETA FLEX
www.zetaflex.com.br **Sempre à frente do tempo**

»» Poder

A ação do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, contra a região paulistana conhecida como Cracolândia se caracterizou pela ação repressora e pouco eficiente. Do ponto de vista da saúde pública – área do Estado à qual cabe, de fato, cuidar de dependentes –, nenhuma medida foi planejada. Um único ponto de consumo de drogas na região central da cidade transformou-

Cartas para esta seção, com endereço, número do RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo, CEP 05067-900. FAX: (11) 3618-4324. As cartas poderão ser editadas em razão do seu tamanho ou para facilitar a compreensão. CORREIO ELETRÔNICO: cartas@istoe.com.br

Anexo C- Entrevista

entrevista ➤ Alberto Vinicius do Nascimento Melo

“Essas ocorrências ninguém pode evitar”

Apesar de a Funase não construir unidade nova desde 2007, seu presidente, Alberto Vinicius do Nascimento Melo, garante que a fundação é uma prioridade para o governo do Estado. Com 852 vagas e 1.496 internos, a superpopulação inviabiliza a reeducação e abre espaços para absurdos como as cenas macabras vistas na unidade do Cabo, na noite da última terça-feira. “Até 2014, teremos 600 novas vagas na Funase”, asseverou.



JC - Quais as providências que estão sendo tomadas após a rebelião da terça-feira, que deixou três mortos?

ALBERTO MELO - Não é novidade para nenhum brasileiro que enfrentamos problemas com adolescentes. Estamos agora vivendo um momento difícil e triste, por causa dessas três mortes. Vamos usar toda a energia para apurar esse fato. Aquela unidade do Cabo tinha há quatro anos sem apresentar problemas. Ano passa-

contrei uma série de providências do governo, no sentido de enfrentar essa questão (superlotação), que já vem de longas datas. Todos sabemos o passado das Febens, em nível nacional. Nosso governo decidiu enfrentar esse problema criando uma secretaria para a criança e para o adolescente (criada na atual gestão). No caso da Funase, estamos trabalhando sério. Não temos apenas ocorrências de fatos desagradáveis. Hoje, temos unidade que é referência nacional em tratamento

bleia Legislativa, com recursos para construir, até 2014, mais 600 vagas para nossos adolescentes.

JC - Qual é a capacidade e a população atual da Funase?

ALBERTO MELO - Estamos hoje com 1.496 adolescentes na Funase. Ano passado, em setembro/outubro, chegamos a 1.620 adolescentes. A capacidade total é de 852 adolescentes. Estamos em obras em duas unidades. Reinauguramos uma unidade em Timbaúba (Zona da

dade em Caruaru, com 60 vagas. Há um plano de novas construções. O governo enfrenta de maneira objetiva, vocês verão o trabalho que é feito. A Funase tem abrangência estadual. A unidade de Petrolina (Sertão) é modelo nacional. Em Garanhuns (Agreste), antes eram três medidas misturadas e hoje são separadas. Em Arcoverde (Sertão), fizemos reforma. Todas as unidades receberam quadras cobertas, inclusive a do Cabo.

JC - Em 2009, o Ministério Público classificou as unidades da Funase do Cabo e de Abreu e Lima como campos de concentração. Naquela época, o senhor já acenava com a construção de novas unidades e nada mudou. O senhor acredita que a Funase é prioridade para o governo do Estado?

ALBERTO MELO - A Funase está dentro das prioridades do governo, dentro da política da infância e da juventude. Posso afirmar com toda segurança que ela é prioridade e vocês podem ver isso através dos recursos anuais do governo, através do Plano Plurianual. Tenho que esclarecer que hoje temos recursos na conta da Funase para construir uma unidade feminina, já que atualmente esse público ocupa casas alugadas. No entanto, para que se faça uma obra com recursos do governo federal, é preciso que a prefeitura ofereça carta de anuência. Tem que haver harmonia para que a obra seja tratada. Estamos negociando, há mais ou menos um ano, com a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes e isso está bastante adiantado.

JC - O senhor fará mudanças na direção do Case do Cabo?

JC - Quais as providências que estão sendo tomadas após a rebelião da terça-feira, que deixou três mortos?

ALBERTO MELO - Não é novidade para nenhum brasileiro que enfrentamos problemas com adolescentes. Estamos agora vivendo um momento difícil e triste, por causa dessas três mortes. Vamos usar toda a energia para apurar esse fato. Aquela unidade do Cabo vinha há quatro anos sem apresentar problemas. Ano passado teve uma ocorrência menor, mas essa agora foi muito grave.

JC - Como estão sendo enfrentados os problemas da Funase?

ALBERTO MELO - Estou à frente da Funase há três anos e meio e, desde que entrei, en-

contrei uma série de providências do governo, no sentido de enfrentar essa questão (superlotação), que já vem de longas datas. Todos sabemos o passado das Febens, em nível nacional. Nosso governo decidiu enfrentar esse problema criando uma secretaria para a criança e para o adolescente (criada na atual gestão). No caso da Funase, estamos trabalhando sério. Não temos apenas ocorrências de fatos desagradáveis. Hoje, temos unidade que é referência nacional em tratamento dos adolescentes usuários de crack. Agora esse tipo de ocorrência ninguém consegue evitar. A superlotação é o flagelo que herdamos. Temos obras em andamento para melhorar essa situação. O governo liberou verba de um plano chamado Plurianual, um documento público aprovado pela Assem-

bleia Legislativa, com recursos para construir, até 2014, mais 600 vagas para nossos adolescentes.

JC - Qual é a capacidade e a população atual da Funase?

ALBERTO MELO - Estamos hoje com 1.496 adolescentes na Funase. Ano passado, em setembro/outubro, chegamos a 1.620 adolescentes. A capacidade total é de 852 adolescentes. Estamos em obras em duas unidades. Reinauguramos uma unidade em Timbaúba (Zona da Mata) e uma ampliação em Caruaru (Agreste). Com o aumento da população, temos que fazer reformas. Esse número de 852 vagas já deve estar acima de mil por causa das adaptações que estamos fazendo para abrigar os adolescentes, senão a situação estaria muito pior. Reinauguramos uma nova uni-

para construir uma unidade feminina, já que atualmente esse público ocupa casas alugadas. No entanto, para que se faça uma obra com recursos do governo federal, é preciso que a prefeitura ofereça carta de anuência. Tem que haver harmonia para que a obra seja tratada. Estamos negociando, há mais ou menos um ano, com a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes e isso está bastante adiantado.

JC - O senhor fará mudanças na direção do Case do Cabo?

ALBERTO MELO - Por enquanto não há previsão de mudanças. Quero deixar claro que o fato de o ex-diretor Severino Leandro ter sido afastado não quer dizer que concordamos com as acusações feitas contra ele. Para nós, se trata de um servidor exemplar que só deixou a unidade por determinação da Justiça.

Comissão pede saída de diretora

A reação mais enfática diante do caos instalado na Funase partiu da Assembleia Legislativa de Pernambuco. A Comissão de Cidadania e Direitos Humanos, presidida pelo deputado Betinho Gomes (PSDB), pediu o afastamento de toda a diretoria da unidade do Cabo de Santo Agostinho.

Os deputados solicitaram informações sobre as medidas de melhoria do sistema que tinham sido anunciadas pela Secretaria da Infância e Juventude. Na época, a secretária, Raquel Lyra, anunciou investimentos da ordem de R\$ 16 milhões. Entre as medidas, há a exigência de que cada unidade em regime fechado atenda, no máximo, a 90 adolescentes por vez. Os deputados vão visitar a unidade do Cabo de Santo Agostinho, a partir das 14h de hoje.

A Ordem dos Advogados do Brasil Seção Pernambuco (OAB-PE) enviou nota, na tarde de ontem, ressaltando que, no ano passado, a entidade encaminhou denúncias à Organização das Nações Unidas (ONU) relatando vários episó-

OAB revela que encaminhou à ONU, em 2011, denúncias relatando a violação de direitos humanos nas unidades da Funase

dios de violação de direitos humanos na Funase. De acordo com a OAB-PE, mesmo diante da gravidade da situação, o governo do Estado não teria tomado nenhuma providência para minimizar os problemas.

O presidente da OAB-PE, Henrique Mariano, declarou que a rebelião poderia ter sido evitada. "Em 2011, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) realizou inspeção na Funase e apon-

to inúmeras violações dos direitos humanos e a prática da tortura. Essa trágica rebelião é, em verdade, uma tragédia anunciada. Os riscos de que essa tragédia acontecesse poderiam ter sido minimizados porque a situação de caos já era de conhecimento geral. Esperamos agora que alguma coisa seja feita antes que novas mortes aconteçam nas outras unidades."

O documento encaminhado à ONU relata que o Programa Justiça ao Jovem, implantado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), realizou vistoria nas unidades da Funase e gerou um relatório de 24 laudas que mostrou um quadro bastante crítico. Foram detectadas a superlotação das unidades, falta de condições dignas de alojamento, carência de apoio educacional e cultural, internação que dificulta o convívio e a comunicação com familiares, tortura e maus-tratos.

"Recorremos à ONU porque, diversas vezes, o Estado foi avisado - seja pela OAB-PE, seja pelo Ministério Público - desta situação inadmissível, sem que

nenhuma providência tenha sido tomada pelo poder público. É flagrante o aviltamento dos direitos nacionais e internacionais dos adolescentes que estão sob a responsabilidade direta do Estado."

A Associação Pernambucana dos Conselheiros Tutelares comunicou que visitou as unidades da Funase no ano passado e encaminhou diversos relatórios ao Governo do Estado, Ministério da Justiça e Tribunal de Justiça de Pernambuco. "Detectamos falhas estruturais, fiação exposta, ausência de higienização e falta de apoio pedagógico. Solicitamos, inclusive, o fechamento da unidade. Alertamos para o risco de uma grande rebelião", comunicou o presidente da associação, Gerailson Ribeiro.

A presidente da Organização Não-Governamental Serviço Ecumênico de Militância nas Prisões, Wilma Mello, questionou a filosofia de gestão do Estado. "O governo prioriza o encarceramento. Faltam planejamento e efetivação de políticas públicas que levem em consideração o lado pedagógico."

Entrevista CARLOS AYRES BRITTO

RODRIGO RANGEL

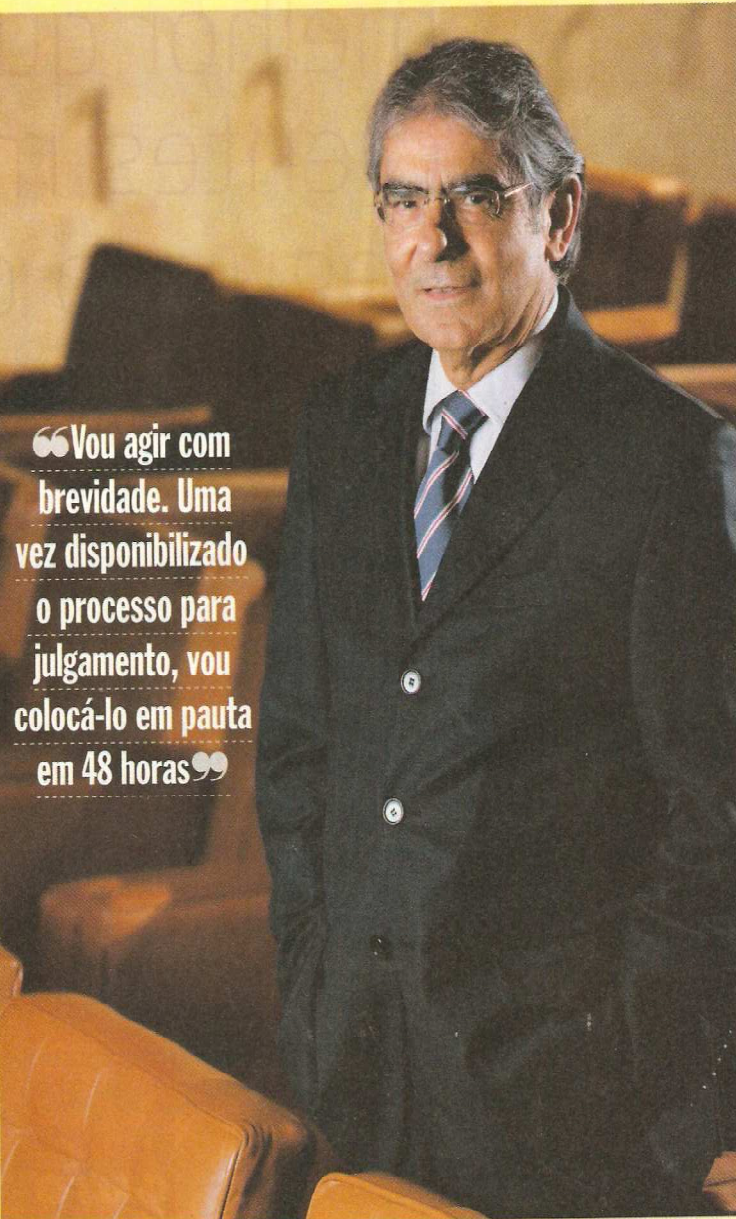
Será o julgamento do século

O próximo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) diz que vai julgar o processo do mensalão neste ano e rebate as críticas genéricas ao Judiciário

O ministro Carlos Ayres Britto, do Supremo Tribunal Federal, parece atrair causas de grande repercussão. Foi dele o voto que abriu o debate sobre a necessidade de políticos terem ficha limpa para se candidatar — um marco de progresso no processo político brasileiro. Ele também relatou processos determinantes para a sociedade, que resultaram na proibição do nepotismo no serviço público e na liberação da união civil entre pessoas do mesmo sexo e de pesquisas com células-tronco. Sergipano de Propriá, poeta, vegetariano e praticante de meditação, Ayres Britto assume no próximo dia 19 a presidência do STF. Ficarà no cargo até novembro, quando completa 70 anos, e terá no julgamento do mensalão, o maior escândalo de corrupção da história brasileira, a missão mais difícil e, certamente, a mais marcante de sua carreira.

O senhor terá apenas sete meses no comando do Supremo, mas deve presidir o julgamento mais complexo da corte, o mensalão. Como está se preparando para isso? Eu já venho estudando o processo, como todos os demais ministros. Já tenho até uma minuta de voto. Tenho aqui um quadro separando, como fez o Ministério Público, os denunciados e os respectivos núcleos, o político, o financeiro e o publicitário. Todos os réus estão nesse quadro. Os ministros já estão estudando o processo. Tenho certeza de que cada um deles, sem exceção, está procurando cumprir seu dever com isenção. O meu papel, nesse caso, é duplo. Serei julgador, mas também presidente. Esse deverá mesmo ser o julgamento mais importante da história do Supremo em termos de direito penal.

Alguns ministros defendem a ideia de que o processo do mensalão comece a ser julgado já a partir do mês de maio. Para quando o senhor, como novo presidente da corte, pretende marcar o julgamento? O que



“Vou agir com brevidade. Uma vez disponibilizado o processo para julgamento, vou colocá-lo em pauta em 48 horas”

CRISTIANO MARIZ

Assista ao vídeo em istoe.com.br



MATURIDADE
Meryl vê muitas vantagens em envelhecer: "A vivência me permite encarnar todas as idades pelas quais passei"

Meryl Streep, a grande dama do cinema mundial, caminha para conquistar o terceiro Oscar da carreira. "Se quero mais um? Claro! Os que tenho estão cobertos de pó na prateleira da estante. Afinal já faz 30 anos que os ganhei", disse a bem-humorada atriz, referindo-se às estatuetas recebidas pela performance em "A Escolha de Sofia" (1982) e em "Kramer vs. Kramer" (1979), quando foi considerada a melhor coadjuvante. No próximo dia 26, Meryl vai estar no Kodak Theater, em Los Angeles, defendendo o seu melhor papel em décadas. A artista com mais indicações na história do prêmio – 17 no total – concorre agora pelo retrato humano da ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher em "A Dama de Ferro". No filme que estreia no dia 17 no Brasil, a primeira e única mulher a ocupar o posto de premiê na história do Reino Unido (de 1979 a 1990) é uma senhora na casa dos 80 anos acometida pela demência senil. Confusa e vítima de alucinações, ela revisita os fatos mais marcantes de sua vida. Meryl diz por que aceitou o papel: "Não me interessaria por um filme político. É uma história sobre a dureza de envelhecer, mesmo quando no nosso íntimo ainda sentimos como se tivéssemos 20 anos." Na entrevista a seguir, concedida no Sofitel Hotel, em Londres, a atriz elogia a presidente Dilma Rousseff e diz que se preocupa com a boa forma. "Vivo em constante briga com a balança", disse ela, muito elegante, bem mais magra e aparentemente bem menos que seus 62 anos. >

ENTREVISTA MERYL STREEP

"EU FELICITO AS MULHERES NO PODER"

A atriz que concorre ao Oscar interpretando Margaret Thatcher diz que Dilma é corajosa e que apoia cada mulher que "consegue bater o pé"

por **Elaine Guerini, de Londres**

*Número obtido a partir de informações da CENAL e da Kantar Media/Paneliner em junho de 2011, baseado em dados coletados entre maio e junho de 2011.



“Sou recordista em discursos de agradecimento (na cerimônia do Oscar) nunca usados. Tenho 14 deles guardados na gaveta”

>> **ISTOÉ** – O Oscar ainda é importante em sua carreira, mesmo sabendo-se que já conquistou duas estatuetas?

Meryl Streep – Sim, é importante. Quando sou indicada a um Oscar, significa que fui destacada pela categoria de atores da Academia. Ninguém mais pode votar, a não ser os atores. É sempre um grande feito ter a aprovação dos seus colegas. São as pessoas que sabem como é duro atuar e são realmente as mais qualificadas para avaliar o que fez ou deixou de fazer.

ISTOÉ – Como se sente ao ser a recordista de indicações?

Meryl – Isso me faz lembrar que também sou a recordista em discursos de agradecimento nunca usados (risos). Tenho 14 deles dobradinhos na gaveta. É hilário ver aqueles papéis ficando cada vez mais amarelados. Poderia fazer um livro com esses textos desperdiçados. Um bom título seria: “Os discursos que nunca foram declamados” (risos). Mas já estou preparando o próximo. Para quem já escreveu 14, o que é fazer mais um?

ISTOÉ – Filmar “A Dama de Ferro” fez a sra. pensar nas poucas mulhe-

res que estão no poder atualmente? Como Dilma Rousseff, a presidenta do Brasil?

Meryl – Dilma é corajosa! Eu a felicito e as outras mulheres no poder por imaginar que ainda existe certo desconforto quando uma mulher conquista uma posição de liderança no cenário mundial. Cada mulher que consegue bater o pé, se fazer ouvir e se tornar uma líder abre um pouco mais a porta para as que virão depois.

ISTOÉ – Houve muito avanço nesses últimos 30 anos, desde que Margaret Thatcher quebrou essa barreira ao chegar ao poder?

Meryl – Não muito. É preciso estabelecer mais paridade no governo para que não haja tanta diferença entre homens e mulheres. O cargo de presidente ajuda muito como figura simbólica, mas só teremos um mundo mais equilibrado quando mais mulheres estiverem trabalhando no governo de uma forma geral. Elas precisam estar lá para tentar fazer as mudanças na educação, na saúde, no meio ambiente e em outras áreas às quais a mulher tradicionalmente dá mais importância.

ISTOÉ – Para chegar ao cargo de premiê, Thatcher precisou sempre estar mais preparada que todos ao seu redor. Por ser considerada a maior atriz do cinema atual, sente a mesma pressão?

Meryl – Não é bem assim. Qualquer um que ama o que faz tenta dar o melhor de si. Às vezes consigo me sair bem. Outras, nem tanto. A atriz formidável é uma invenção dos outros. Não é minha. Também tenho as minhas inseguranças. Meu marido (o escultor Don Gummer, com quem Meryl está casada há 33 anos) as conhece bem. A cada novo papel, ele sempre me ouve dizendo que não vou conseguir. Não sei como ele me aguenta (risos).

ISTOÉ – O filme não aborda apenas a Thatcher que conduziu a Inglaterra com mão de ferro. Mostra também a sua faceta de esposa e mãe. Isso ajudou a sra. a se transportar para o papel?

Meryl – Claro que eu sei bem o que é um casamento de longa duração, o que isso significa e o que realmente importa na vida a dois. Para manter a união, você precisa se agarrar a ela, mesmo nos momentos mais turbulentos. Não é fácil, mas é reconfortante mantê-la após tantos anos. A maior contribuição que dei ao papel, a partir da minha experiência de vida, foi outra. Estou velha! E ter passado dos 60 anos me fez entender e aceitar tudo com mais facilidade.

ISTOÉ – A sra. se sente velha?

Meryl – Nós todos estamos caminhando para essa direção. Não há como escapar. Desde que perdi os meus pais, penso muito mais na mortalidade e no desapareço pela vida. A verdade é que eu também já sinto na pele o que é ter a capacidade diminuída, seja no corpo, seja na >>

ENTREVISTA

Siddhartha Mukherjee

“ Não sabemos nada sobre o corpo humano ”

Premiado por seu livro sobre o câncer, o oncologista e escritor diz que a doença é mais complexa do que os médicos pensavam - e recomenda humildade

Cristiane Segatto

ALGUM DIA A HUMANIDADE PODERÁ SE LIVRAR DO CÂNCER PARA SEMPRE? ENCORAJADO por essa pergunta, o oncologista Siddhartha Mukherjee, professor assistente de medicina da Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos, investiu seis anos e meio de trabalho e produziu um livro monumental. *O imperador de todos os males: uma biografia do câncer* (Companhia das Letras, 640 páginas, R\$ 54), lançado agora no Brasil, ganhou o Prêmio Pulitzer em 2011. É o resultado de uma investigação pelos 4 mil anos de convivência da humanidade com o câncer. O autor nos conduz com leveza pela história da ciência e da medicina, mas também pela cultura e pela política em torno da doença. Sid, como prefere ser chamado, nasceu em Nova Délhi, na Índia, e mudou-se para os Estados Unidos em 1989. Aos 41 anos, é casado com a escultora Sarah Sze e tem duas filhas: Leela e Aria. De seu laboratório em Nova York, ele falou a ÉPOCA.

ÉPOCA - Pensar no câncer como uma pessoa, como alguém que tem uma personalidade e merece ser biografada, pode soar bizarro. Por que o senhor fez essa opção literária?

Siddhartha Mukherjee - Decidi usar a palavra biografia quando o livro estava quase pronto. Eu o concebi como uma “história do câncer”. Usei a palavra biografia como uma licença poética. As pessoas que lerem o livro perceberão que não me refiro ao câncer como se ele fosse literalmente uma pessoa. A ideia de compor um retrato sobre a morte ao longo dos milênios, observando sempre a mesma doença e seu impacto psicológico sobre a sociedade, me fez perceber que chamar esse livro de biografia seria um modo muito mais evocativo de descrevê-lo. Porém tomei o cuidado de não personificar o câncer. Não há uma pessoa chamada câncer no livro. A decisão de usar a palavra biografia tornou o projeto mais pessoal e mais complexo.

ÉPOCA - O senhor imaginou que pudesse ganhar o Prêmio Pulitzer com seu livro de estreia?

Mukherjee - O Pulitzer (o prêmio literário mais importante

dos Estados Unidos) é uma das grandes honrarias do mundo. É o tipo de coisa que ninguém espera ganhar. Jamais sonhei com isso. Estava numa livraria e deixei meu celular desligado quando me ligaram para avisar sobre o prêmio. Durante meia hora, ninguém conseguia me encontrar. Quando liguei o celular novamente, havia 15 mensagens. Foi uma completa surpresa.

ÉPOCA - Não são muitos os médicos e cientistas que têm a habilidade de escrever de forma clara e envolvente como o senhor fez nesse livro. Como aprendeu a escrever assim?

Mukherjee - Não sei. Acho que aprendi a escrever ao mesmo tempo que aprendi a ler. A coisa foi acontecendo naturalmente. Talvez poucos cientistas escrevam assim porque os hábitos de leitura no mundo acadêmico costumam estar restritos a poucos assuntos.

ÉPOCA - Quais são os registros mais antigos e interessantes da convivência da humanidade com o câncer?

Mukherjee - Encontrar isso foi um pouco complicado porque



BIÓGRAFO

Mukherjee em seu laboratório na Universidade Colúmbia, em Nova York. Ao investigar a "personalidade" do câncer, ele produziu um livro original

a palavra câncer nem sequer existia. Tivemos de suspeitar de câncer de acordo com as descrições existentes. A primeira descrição médica do câncer aparece num papiro egípcio escrito em 2.500 a.C. O escriba descreve um tumor saliente no peito, algo como uma bola de papel. Os gregos também se referiam a tumores. Hipócrates usa a palavra "karkinos" (*caranguejo*). Os vasos sanguíneos ao redor do núcleo do que parecia ser um tumor lhe pareciam um caranguejo na areia. Galeno, que era médico particular dos imperadores romanos, tentou tratar tumores observados em gladiadores. Não teve sucesso. Todas essas são descrições. Obviamente, não há como ter certeza de que eram câncer porque não temos os tecidos. Em outros casos, temos 100% de certeza. Tumores ósseos foram identificados em múmias.

ÉPOCA - Por que, então, tendemos a achar que o câncer é uma doença moderna?

Mukherjee - A prevalência e a visibilidade do câncer aumentaram dramaticamente nos tempos modernos. A população está envelhecendo. Felizmente, deixou de morrer cedo, de

outras doenças. Muitos cânceres (*como o de mama e o de próstata*) estão relacionados ao envelhecimento. Além disso, surgiram novos hábitos e produtos que causam câncer. O tabaco é um bom exemplo. Se olharmos os textos médicos escritos por volta de 1900, aprendemos que alguns tumores de pulmão eram raros. Quase não eram mencionados. Hoje, em qualquer clínica, os cânceres relacionados ao tabagismo são muito comuns. Não apenas os tumores de pulmão, mas também os de lábios, garganta, boca, língua, esôfago e vários outros. Atualmente, metade do trabalho dos oncologistas está relacionado ao tratamento de tumores provocados pelo cigarro. Além disso, estamos diagnosticando o câncer cada vez melhor. No passado, muitas mortes eram atribuídas erroneamente a outras doenças. Tudo isso fez com que o câncer fosse visto como um fenômeno moderno, mas não é verdade. Convivemos com ele há muito tempo.

ÉPOCA - Nos anos 1960, os oncologistas acreditavam que a combinação de vários quimioterápicos levaria à cura de todos os tipos de câncer. Em 1971, o presidente Richard Nixon declarou guerra ►

Anexo D- Propaganda

COLÉGIO DAMAS

FERAS DAMAS

Os 226 nomes abaixo são dos **feras Damas** aprovados nos principais vestibulares. A gente se orgulha de participar da conquista de todos, por isso a nossa alegria estampa esta página. São 10 **feras** aprovados em Medicina na UFPE, 14 conquistaram vaga em Direito na UFPE, 27 **feras** vão cursar Administração na UFPE ou UPE, 6 alunos do 2º ano foram aprovados na UFPE, e outras dezenas de alunos Damas estarão no ensino superior este ano. Os números refletem a seriedade de uma Instituição que tem compromisso com a excelência do ensino e também com a formação do aluno em sua totalidade. **Parabéns aos feras, aos educadores e aos pais.** Parabéns às universidades pelos seres humanos que vão receber!

1º lugar BIOMEDICINA/UFPE - DANIELLA BARRETO
1º lugar TERAPIA OCUPACIONAL /UFPE - AMANDA BARROS
1º lugar (1º entr.) JORNALISMO/UNICAP - CAIO WALLERSTEIN
1º lugar CIÊNCIAS CONTÁBEIS/UNICAP - ISABELA DE AZEVEDO
2º lugar GEOGRAFIA/UFPE - GUSTAVO ARNAUD DE MELO
2º lugar FISIOTERAPIA/UNICAP - JUDITE CORREIA DE ALMEIDA
2º lugar PUBLICIDADE /UNICAP - GABRIELA MELO LINS STORCH
2º lugar CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/UNICAP - LUIZ JOSE M. DE H. FILHO
2º lugar ADMINISTRAÇÃO/DAMAS - RAJILA CYSNEIROS CORREA
3º lugar ARQUITETURA/UNICAP - MARIA EDUARDA VOSS VIANA
8º lugar MEDICINA/UFPE - BRUNA BORBA DE AZEVEDO RAMOS

Ayesha Oliveira
2º lugar Clín. Biol. UFE (Seried)

Matheus Fernandes
4º lugar Jornalismo UFPE

Marina Barbosa Rodrigues
1º lugar Geologia UFPE

Eduardo Simões
1º lugar Eng. de Computação UFE (Seried)
2º lugar Olimpíada Pernambucana de Química (OPEQ)

Ana Cláudia Maciel
3º lugar Ed. Física UFPE

Júlio Zoe de Medeiros
3º lugar Geologia UFPE

Carolina Martinelli
3º lugar Clín. Pol./Rel. Int. UFPE

Aline Mendonça
Medicina UFPE e UPE

Amanda Enigdio Arruda
4º lugar Direito UFPE

Parabéns, **fera Salesiano!**

Você já começou o ano pintando o seu futuro com valores desenhados no presente

O Colégio Salesiano está orgulhoso de você, Fera Salesiano! O esforço foi grande, o resultado positivo. Estamos muito felizes, agora você já desenha um futuro brilhante do seu próprio jeito e consciente do seu papel na sociedade.

1º Lugar - Maíra Teti Cavalcanti de Paiva

Destaques
 Gabriela
 Maíra
 Lucas Borges

VIAJE PELO BRASIL COM ATÉ 60% DE DESCONTO.

Ofertas TAM Viagens para roteiros nacionais.

VÁ ATÉ A NOSSA LOJA MAIS PRÓXIMA OU CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS.

Central de vendas e relacionamento São Paulo: (11) 3274-1313
e demais localidades: 0800 555 200. www.tamviagens.com.br

TAM VIAGENS



COMEMORAR UMA DATA ESPECIAL
DE UM JEITO DIFERENTE.

ISSO É ROYAL.

**CRUZEIRO DE 7 NOITES
CARNAVAL NO RIO
E EM SALVADOR**

Vision of the Seas®

17 de Fevereiro

Saindo de Santos e Rio de Janeiro
e visitando Salvador e Ilhabela.

ENTRADA DE R\$ 363,80

+10x

R\$ 145,52*

POR PESSOA,
EM CABINE EXTERNA DUPLA



Royal Caribbean®
INTERNATIONAL

Só com a Royal Caribbean você aproveita toda a diversão do Carnaval. Curta as melhores festas no Rio de Janeiro e em Salvador a bordo do Vision of the Seas. Consulte nossas promoções especiais e reserve agora a sua viagem. Curtir um Carnaval inesquecível. Isso é Royal.



WWW.ROYALCARIBBEAN.COM.BR

Ancoradouro
operadora

www.ancoradourooperadora.com.br

Campinas - (19) 2137-3002
São Paulo - (11) 2181-0899
Ribeirão Preto - (16) 3797-4420
Bauru e São José dos Campos - 0300 788 8131



Jogar bola

Jogar bola é ir em frente.

É arregaçar as mangas.

A grande festa do futebol
vai ser na nossa casa.

Vamos jogar bola, que vai dar certo.

Jogar bola muda as pessoas.

Jogar bola muda o amanhã.

Mude. E conte com o Itaú
para mudar com você.

Itaú. Feito para você. :-)

Itaú



A OGX ACABA DE ALCANÇAR UM MARCO HISTÓRICO:
O INÍCIO DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO NO BRASIL
POR UMA EMPRESA PRIVADA BRASILEIRA.

**A CONQUISTA É GRANDE,
MAS O ORGULHO É AINDA MAIOR.**

Nós somos um. E muitos. Somos a OGX. E fazemos parte do Grupo EBX. Somos uma empresa nacional, com dimensão global. Nossas ações têm o tamanho dos desafios do nosso tempo. Somos a empresa privada do setor de óleo e gás que mais investe no Brasil. A única a perfurar mais de 70 poços desde 2009, descobrindo novas províncias petrolíferas. E, agora, apenas 2 anos após as primeiras descobertas na Bacia de Campos, acabamos de extrair nosso primeiro petróleo. Um marco importante para uma empresa que tem como essência realizar e transformar. Afinal, recursos naturais só se transformam em riqueza para o país quando se tem talento para descobrir onde estão e o conhecimento para se chegar até eles.



6.000
empregos diretos
e 18.000 indiretos.

7
bilhões de reais
investidos em 4 anos.

mais de 90%
de índice de sucesso
nos poços perfurados.

1,4
milhão de barris/dia
como meta em 2015.

www.ogx.com.br/primeirooleo